

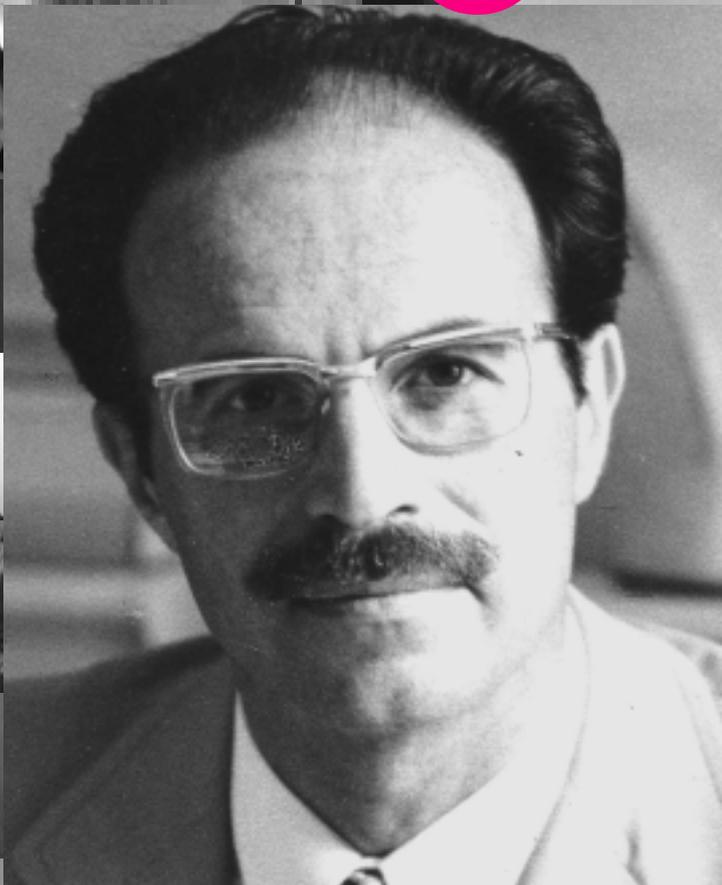
«Se o grão de trigo
não morre...»

de Comunhão

uma nova cultura



Economia



17

ECONOMIA DE COMUNHÃO
 uma nova cultura
 Ano IX – nº 2 – maio 2003
 Suplemento da Revista Cidade Nova

Diretor responsável: Alberto Ferrucci

Endereço para correspondência:
 R. Igino Giordani, 176
 06730-000 – Vargem Grande Paulista – SP
 Fone (+11) 4158.1017
 czfginetta@node1.com.br

Impressão:
 Paulus Gráfica

3	Cartas do mundo	Carla Bozzani
4	Dialogando com todos	Benedetto Gui
5	Chiara em Genebra	Chiara Lubich
7	A novidade das empresas EdC	Alberto Ferrucci
9	Princípios para a gestão de uma empresa	Bureau Internacional de Economia e Trabalho
10	O Pólo Spartaco no Brasil da esperança	Norma Curti e Corrado Martino
11	Entrevista com Rodolfo Leibholz	Fernanda Pompermayer
15	As empresas do Pólo Spartaco	Fernanda Pompermayer
19	«Se o grão de trigo não morre...»	M ^a do Carmo Gaspar
20	Entre os <i>New Global</i>	Vera Araújo
21	EdC e globalização	Luigino Bruni
22	A experiência da Unitrat	Franco Caradonna
24	O dado de Chiara	Leo Andringa
25	As novas teses sobre a EdC	Antonella Ferrucci
26	A economia da gratuidade	Vittorio Pelligra
27	Diálogo com os leitores	Alberto Ferrucci



Publicamos trechos de cartas enviadas de várias partes do mundo, por algumas das 12 mil pessoas e famílias que participam do projeto EdC. Como todos nós, elas fazem parte da comunhão mundial da EdC e comunicam suas necessidades financeiras com uma abertura tão preciosa quanto a generosidade de quem partilha os próprios bens. Procuramos responder a essas necessidades com o lucro das empresas EdC e – por não ser ainda suficiente – com a contribuição extraordinária «para os 12 mil», atualmente solicitada a todos os membros do Movimento dos Focolares.

O cêntuplo para quem participa da EdC

Diariamente agradeço a Deus por este grande dom do Seu amor por mim e peço a ele que faça chegar o cêntuplo a todas as pessoas que contribuem e levam em frente o projeto da Economia de Comunhão.

(Brasil)

A netinha

A quantia que recebo é muito importante, principalmente depois que fiquei viúva. Sinto-me feliz e muito grata. Utilizo o dinheiro que recebo para ajudar minha filha, que tem problemas cardíacos e agora também para uma netinha recém-nascida, que está morando comigo, pois os pais dela, muito jovens, estão em dificuldade.

(Filipinas)

Uma avó

A ajuda que recebo me permite cuidar de sete netinhos. Assim consigo garantir a alimentação e a educação deles.

(Filipinas)

Mônica, Deus a ama!

Os meus pais, que são agricultores, sempre enfrentaram dificuldades financeiras. A ajuda que recebo da Economia de Comunhão me constrói como pessoa, pois me lembra sempre: “Mônica, Deus a ama imensamente!”.

(Brasil)

Uma lição de amor

Agradeço, de todo o coração, pelo amor concreto de cada um, que me dá a possibilidade de me tratar. No início não foi fácil aceitar ajuda, pois pensava na necessidade dos outros. Agora, depois de anos, minha saúde está melhorando, estou terminando os estudos e eu e meu noivo decidimos nos casar. Eu também quero ajudar os outros, pois recebi “uma lição de amor”.

(Argentina)

A força para prosseguirmos

O custo de vida aumentou muito e estávamos com as taxas de condomínio e calefação atrasadas. A ajuda econômica que recebemos é muito importante para nós, pois nos dá a força para prosseguirmos.

(Romênia)

O material para o telhado

Já estávamos precisando refazer o piso de madeira e a lareira quando a chuva contínua fez com que desabasse uma parte do teto da nossa casa. O trabalho nós mesmos fizemos, mas só pudemos comprar o material, muito caro no nosso país, porque recebemos a ajuda. Tivemos a possibilidade também de providenciar um tratamento para o nosso filho, que sofre de epilepsia.

(Sérvia)

Estudo por amor

Quando meu pai perdeu o emprego, para não ter que deixar a faculdade, eu vendi doces, digitei textos no computador, fiz trabalhos domésticos, mas tudo isso não teria sido suficiente sem a inesperada ajuda da EdC. Agora estudo não só porque gosto, mas principalmente para responder ao amor de quem me ajuda. Sinto que a minha formatura, que está se aproximando, é fruto do amor de muitas pessoas.

(Argentina)

O salário atrasado

O meu salário, além de ter sido reduzido, estava atrasado. No dia em que vencia o pagamento de um tratamento de saúde não iríamos conseguir cobri-lo se a Providência não tivesse se manifestado com uma quantia em dinheiro. Toda a minha família está muito grata, pois conseguimos pagar as contas, além de comprar alimentos e remédios urgentes.

(Argentina)

Doar o que tenho

Não sei se por orgulho ou pela educação que recebi, sempre considerei toda ajuda como um empréstimo a ser devolvido. O que recebemos nos ajuda a superar momentos de dificuldades na nossa família, que, para nós, seriam insolúveis. Eu também quero doar o que tenho, nem que seja um simples sorriso.

(Romênia)

O período pós-guerra

Estamos vivendo os momentos difíceis do pós-guerra. Obrigado pela ajuda que recebemos, de mil maneiras! Esperemos que a situação melhore, pois nós também gostaríamos de ajudar quem passa por dificuldades, para que muitas pessoas possam experimentar a alegria que sentimos.

(Bósnia- Herzegóvina)

Gotas de amor

A nossa família, de seis pessoas, recebe a preciosa ajuda. Esse dinheiro é realmente sagrado, fruto de renúncias, de gotas de amor. Por isso procuramos usá-lo bem, diante de Deus.

(Romênia)

Quatro crianças

Somos um casal com quatro crianças e de todo o coração agradecemos pela ajuda que nos sustentou. Sentimos parte de uma verdadeira família, na qual cada cabelo da nossa cabeça é contado e a Providência cobre as necessidades de todos.

(Romênia)

A coragem para irmos em frente

Uma das nossas três filhas está gravemente doente e o tratamento é muito caro. A ajuda que recebemos é uma resposta do amor de Deus, que nos dá coragem para irmos em frente com um amor sempre novo. Todos os dias agradecemos a Deus.

(Brasil)

Carla Bozzani

e-mail: edc@focolare.org



Benedetto Gui

gui@decon.unipd.it

Nos últimos meses, na Europa, falou-se muito sobre o Fórum Social Europeu, pelo fato de que a sua última edição aconteceu em Florença. No início do ano, em muitas partes do mundo – e especialmente no Brasil – falou-se do Fórum Social Mundial, de Porto Alegre. Foram dois momentos de encontro e de debate que envolveram uma numerosa série de organizações, grupos e pequenas agremiações interessados no futuro da economia do planeta e atuantes no campo cultural, político ou da colaboração ao desenvolvimento. Em ambos os fóruns, uma das vozes que ecoaram nas salas de reuniões e que encontraram muita receptividade foi a da Economia de Comunhão (p. 20-21).

Alguém poderia questionar: que sentido tem participar de eventos como esses, duramente criticados por uma parte da opinião pública?

Antes de tudo porque estamos interessados em dialogar com todos os componentes da sociedade – e isso significa falar e escutar –, sem preferências ou preconceitos excludentes causados pela orientação política dos interlocutores. A variedade dos contextos nos quais o projeto Economia de Comunhão foi proposto nesses anos testemunha essa posição (nas páginas seguintes encontraremos informações de dois eventos recentes: em Genebra, no Conselho Mundial de Igrejas, p. 5-6; em Cracóvia, na Conferência Européia da Renovação Carismática Católica, p. 24).

Em segundo lugar – e este me parece o aspecto mais importante – porque nos sentimos parte da sociedade civil, ou seja, do complexo conjunto (muitas vezes até contraditório) de corpos sociais que se sentem questionados pelas situações em que estão imersos, e livremente assumem uma parte da responsabilidade de difundir determinadas idéias ao favorecerem uma ou outra resposta para um problema em questão, ao promoverem novas iniciativas, ao assumirem necessidades desconsideradas por outros.

Percebo que a perspectiva de um diálogo tão comprometedor pode nos assustar. Será que já não tínhamos assumido um compromisso suficientemente sério, de suscitar e sustentar empresas “especiais” que, com sua existência, oferecem uma contribuição decisiva à sociedade? Não estamos correndo o risco de acrescentar novos objetivos que não nos competem diretamente, com o perigo de não conseguir fazer frente à nossa tarefa primordial?

Olhemos para trás por um momento. O objetivo proposto por Chiara Lubich a quem deseja aventurar-se com ela na busca de realizar uma economia por um mundo unido é, acima de tudo, fazer com que não exista mais nenhum necessitado. Ao mesmo tempo, é também a difusão de uma cultura em que as relações econômicas não sejam só um frio encontro de interesses (ou, pior ainda, uma ocasião de conflito ou uma forma de dominação), mas, pelo contrário, sejam oportunidades de encontro respeitoso e de crescimento em conjunto, segundo o chamado dirigido a cada homem para a comunhão com os seus semelhantes e com Deus, na totalidade da própria vida, portanto também na esfera do trabalho, do consumo, dos negócios.

Nessa perspectiva, o papel das empresas que aderem ao projeto é de ponta de lança, de porta-bandeira, pois a empresa é o emblema da economia de hoje. Isso significa, para quem nela trabalha (partindo dos vértices empresariais), um compromisso de coerência e de testemunho. Para ressaltar esse centralismo, nas páginas 7 a 9, estão sendo publicadas novamente os “Princípios para a gestão de uma empresa EdC” (já propostos neste noticiário alguns anos atrás, a fim de que empresários e funcionários possam se espelhar neles).

Mas a economia é composta também por outras instituições (sistemas financeiros nacionais e internacionais, autoridades que regulamentam os mercados, institutos de previdência social, normas e agências para a tutela do meio ambiente...) e de outros atores, por exemplo, as famílias, enquanto consumidoras, poupadoras, eleitores de organismos que têm também funções econômicas, além de suas associações. É normal pensar que cada um deles tenha algo a dizer ou contribuir na busca de uma economia marcada pela comunhão, na qual a atividade das empresas dedicadas ao bem comum poderá dar os seus melhores frutos.

Esta simples observação atribui plena cidadania, dentro do nosso projeto, às inúmeras pessoas a quem não falta a paixão de vê-lo realizado e a disponibilidade de oferecer a própria contribuição, mas que talvez não atuem e nem atuarão numa das empresas que aderem à EdC, nem tampouco administrarão empresas com esse objetivo.

Qual será a função deles? A primeira que emerge é uma contribuição no plano cultural, de apropriação e de difusão em todos os níveis (a partir do diálogo

com colegas e amigos) de uma visão da economia na comunhão e para a comunhão.

O segundo é a ação, uma ação individual, segundo as próprias responsabilidades (profissionais, políticas, de associação...) e ações coordenadas, antes de tudo no nosso âmbito e, mais tarde, com muitos outros que atuam em ONGs, associações empresariais ou instituições públicas em função de objetivos semelhantes aos nossos, e que cada vez mais nos convidam a uma trajetória em comum (p. 5, 20, 24), respeitando a identidade de cada um.

Chiara em Genebra

Publicamos uma resposta de Chiara ao Dr. Rogate Mshana, responsável por economia e justiça no departamento “Justiça, Paz e Criação” do Conselho Mundial de Igrejas, durante o seu encontro em Genebra, em 28.11.2002. Na ocasião, a pedido do próprio Conselho Mundial de Igrejas, foram apresentados o Movimento Político pela Unidade e a Economia de Comunhão.

Dr. Rogate Mshana

Conheço o Movimento dos Focolares, principalmente o seu projeto econômico, que se baseia na Economia de Comunhão. Gostaria de ouvir falar mais sobre esse projeto. Obrigado.

Chiara

Neste momento posso dizer alguma coisa, sinteticamente.

No início do Movimento nós ficamos fascinados com as primeiras comunidades cristãs; por isso, o amor recíproco que tínhamos estabelecido entre nós, teve como consequência também uma certa comunhão de bens: se alguém tinha dois casacos, dava um a quem não tinha; se alguém tinha dois pares de luvas, dava um a quem não tinha. Fazíamos uma comunhão de tudo o que possuíamos, ficando apenas com o necessário para cada um, logicamente. Essa comunhão se estendia também aos necessitados. Por isso, sempre, durante anos, décadas, no nosso Movimento pratica-se também a comunhão de bens materiais.

Para as pessoas que se doaram totalmente à nossa causa, os focolarinos, que permanecem virgens para o Reino, como diz Jesus, essa comunhão de bens é completa. Todos nós trabalhamos e levamos o salário completo para o focolare, para satisfazer as necessidades da comunidade. Todos nós fazemos um testamento, para que a nossa herança, presente ou futura, seja usada na comunhão de bens no Movimento.

Nós damos tudo. Depois, existem outras pessoas, pais e mães de família, que dão o que têm a mais, o supérfluo.

Com essa comunhão de bens, o Movimento estava indo bem, pois conseguimos cobrir as despesas das pessoas que dele faziam parte. Até que, em 1991, eu estive no Brasil, em São Paulo. Passei muitas vezes por São Paulo, mas naquela ocasião fiquei impressionada com os arranha-céus: é uma selva de arranha-céus! E ao redor de São Paulo havia uma espécie de “coroa de espinhos” – como dizia o Cardeal Paulo Evaristo Arns –, isto é, favelas, barracos. Existe a mais extrema miséria. Eu sabia que a nossa espiritualidade havia chegado até lá, que também os pobres haviam entendido que Jesus os ama e também eles queriam amar, procurando viver segundo esse nosso espírito. Porém, o que nós colocávamos em comum não era suficiente para suprir também as necessidades deles.

Eu estava muito preocupada, pois no Brasil contamos com cerca de 250 mil pessoas, das quais uma certa parte passava por necessidades.

Encontrando-me numa das nossas Mariápolis Permanentes, próximo a São Paulo, com cerca de 400 brasileiros do nosso Movimento, comuniquei a eles uma idéia que tive: por que não iniciamos empresas, verdadeiras empresas,

conduzidas por pessoas competentes, que produzam lucros segundo a concepção moderna de uma empresa? Esses lucros seriam repartidos em três partes: uma para levar em frente a empresa; outra para os nossos necessitados e uma outra para criar estruturas: escolas, cursos, etc., promovidos por nós, para formar as pessoas segundo o que chamamos de “cultura da partilha”, que é Evangelho.

A idéia pareceu logo maravilhosa e as pessoas que me ouviram tiveram uma reação muito positiva. Eles começaram e nasceram essas empresas no Brasil, inclusive empresas de um certo porte. Depois na Argentina, na Europa, na Ásia. Atualmente temos apenas 800 empresas, porém elas existem!

O melhor de tudo é que essas empresas são todas alicerçadas no Evangelho. As relações entre os empresários e os funcionários é evangélica: amor recí-



proco; o relacionamento com os fornecedores é evangélico: amor recíproco; o relacionamento com os consumidores é evangélico: amor recíproco. Em relação ao Estado, existe lealdade total, logicamente, com a observância de todas as leis.

Acontece que essas empresas são bem sucedidas, pois os empresários buscam, acima de tudo, o reino de Deus, e depois o interesse da empresa. E Deus abençoa, com "o cêntuplo nesta vida e a vida eterna". Por isso, quando existem dificuldades, o Eterno Pai intervém com uma graça ou com a idéia de um produto de sucesso ou através de dinheiro que chega por meio de alguém. Assim essas empresas têm caminhado bem. Já se fala delas nas universidades, realizam-se congressos na Itália e em outros países. Até mesmo em Estrasburgo, no Conselho Europeu, convidaram a mim, que entendo muito pouco de economia, para falar sobre a Economia de Comunhão num congresso de alto nível.

Antes que eu falasse, tomaram a palavra pessoas importantes, prêmios Nobel, que fizeram uma análise da situação econômica do mundo: catastrófica! Eu falei sobre a Economia de Comunhão, dando alguns exemplos. Quando o congresso terminou, um dos organizadores veio até mim e disse: "A senhora ouviu a análise sobre a situação mundial? A esperança está naquilo que a senhora falou".

Eu fiquei impressionada, pois era a menor experiência, porém era evangélica. A esperança está realmente em Jesus.



Chiara Lubich



A novidade das empresas EdC

Os empresários que aderiram à Economia de Comunhão logo perceberam que o aspecto que parecia ser o mais importante – a decisão de repartir o lucro segundo as finalidades do projeto – era apenas o primeiro passo, a ponta do iceberg de um modo completamente novo de viver a economia, segundo uma norma extremamente simples: amar a todos.

Portanto, rever, segundo essa luz, todos os relacionamentos da empresa – com os funcionários, os fornecedores, os clientes, os concorrentes, as instituições públicas, a sociedade civil e a humanidade inteira – numa verdadeira “vocação civil”: um chamado a colocar em jogo talentos e recursos financeiros para experimentar na pele uma nova economia em função do bem comum, que não é somente o bem dos outros, mas também o próprio.

Cinco anos após o lançamento do projeto, as pessoas que haviam aceitado esse desafio se reuniram num congresso internacional para um intercâmbio de experiências e reflexões. Na ocasião, emergiu a exigência de delinear juntos as principais características desse novo tipo de empresa.

Surgiram assim os “Princípios para a gestão de uma empresa de Economia de Comunhão”, publicados no noticiário nº 6, de 1997. Princípios estes que publicamos novamente na pág. 9, para as pessoas que não os conhecem. Nos anos sucessivos, eles foram incluídos nos estatutos societários das empresas cujos sócios decidiram assumir publicamente a própria escolha.

Tais princípios conjugam o empenho de amar a todos sob os vários aspectos da atividade da empresa e da organização do trabalho: nos relacionamentos com clientes, fornecedores e concorrentes; na definição da postura ética diante da administração pública; no cuidado com a harmonia dos relacionamentos na comunidade empresarial; com a saúde dos funcionários; com a salubridade do ambiente de trabalho; com o enriquecimento profissional de cada um e com a comunicação dentro da empresa.

Quanto aos objetivos econômicos e da organização produtiva, os Princípios logo esclarecem que a finalidade empresarial não se limita à busca do lucro monetário, mas também ao aumento do número de empregos produtivos, colocando no centro a pessoa humana, e não o capital. Além disso, definem a novidade de que o lucro «será destinado com igual atenção para o crescimento da empresa, para pessoas em dificuldade econômica – começando por quem comunga a opção pela “cultura da partilha” – e para a difusão dessa cultura».

Apresenta-se um destino preciso e, ao mesmo tempo, plenamente livre, pois quem melhor do que o empresário para poder decidir, diante da própria consciência, o que

significa, no seu caso, dar “igual atenção” ao crescimento da empresa, às necessidades dos pobres e à difusão da cultura de amar a todos?

Os Princípios abordam “como produzir” e “como relacionar-se” com os interlocutores da empresa, começando por aqueles que irão usufruir dos produtos ou dos serviços fornecidos por ela. Cada empresa EdC faz a experiência de constatar quanto seus funcionários – a partir do momento em que se tornam conscientes do projeto ao qual a empresa adere – passam a se esforçar para que os destinatários do trabalho deles possam consumir alimentos saudáveis, ter roupas harmoniosas e duráveis, ter acesso a programas de computador de fácil utilização e que sejam realmente úteis; ou para fornecer a eles serviços com a mesma atenção que teriam caso estivessem fornecendo a um amigo ou parente.

Destaca-se, portanto, que também nas empresas concorrentes trabalham pessoas que são igualmente amadas. Delineia-se uma economia não mais concebida como uma luta para que prevaleça alguém ou alguma coisa, mas como um empenho de todos para crescer juntos. Uma virada radical, na qual os concorrentes não são mais inimigos e sim pessoas que também têm o direito de trabalhar com sucesso. Considerando assim a concorrência, podem ser descobertas formas de colaboração que reduzam o custo de produção de ambas as partes e, às vezes, chega-se a entender que em certas ocasiões convém retirar-se. Obviamente deve-se evitar acordos entre produtores em detrimento dos clientes que, com certeza, desse modo não seriam amados.

Uma postura que a mentalidade corrente poderia considerar irracional, mas muitos exemplos de empresas EdC demonstram que existe uma racionalidade maior: os últimos estudos de aprofundamento da teoria econômica sobre as verdadeiras motivações das escolhas e sobre o capital social da empresa estão caminhando nesta direção.

Quanto mais uma empresa se demonstra realmente desinteressada no lucro pelo lucro e atenta ao cliente ou ao concorrente, mais aumenta neles uma propensão positiva em relação à empresa, com desdobramentos e potencialidades de desenvolvimento surpreendentes e até então inexplorados. É o exemplo do Consórcio Tassano que, colocando em prática este desinteresse, sem fazer cálculos, em poucos anos passou de uma dezena de cooperados para uma dimensão que, atualmente, oferece emprego para mais de mil pessoas.

As pessoas que têm fé identificam nessas circunstâncias a intervenção da Providência e a realização da promessa do cêntuplo evangélico, mas geralmente o milagre consiste em conseguir amar as pessoas e suscitar nelas a reciprocidade do amor, levando em consideração que, no mero respeito à liberdade, isso pode não acontecer.

Um outro aspecto muito importante na EdC é a ética, o



Alberto Ferrucci

alberto.ferrucci@prometh.it

“modo de trabalhar”. Muitas pessoas, principalmente jovens, preferem renunciar a salários mais altos para trabalhar em empresas nas quais se sentem mais realizadas, onde sabem que são respeitadas e que trabalham por uma finalidade social.

Assume-se também a postura de trabalhar na plena legalidade: nos países em que, para ganhar uma concorrência, é comum a corrupção, essas regras são utopia; no entanto, experiências de trabalho em ambientes desse tipo confirmam que é possível atuar de modo correto. Trata-se de aceitar percursos mais árduos, justamente porque não são comuns em nações onde a prática das receitas não declaradas é quase institucionalizada em razão de salários insuficientes para uma vida digna. É necessário aceitar que cada funcionário tenha o direito de criar obstáculos, se não por outros motivos, ao menos para demonstrar que não concedeu favores. Há, porém, desdobramentos positivos: nasce uma grande consideração pela empresa e são construídos relacionamentos duradouros justamente com quem, inicialmente, constituía um obstáculo.

Os Princípios frisam que é preciso “transformar a empresa numa verdadeira comunidade”, na qual todos se sintam realizados: todos – do empresário ao trabalhador mais simples – no íntimo desejam sair do trabalho, no final da tarde, sabendo que não desperdiçaram um dia de suas vidas, o que é possível sobretudo se conviveram com pessoas igualmente satisfeitas com o trabalho.

Isto comporta uma atenção ao bem-estar, físico e moral dos trabalhadores, para o qual contribuem o cuidado com o ambiente de trabalho e a comunicação entre as pessoas. Nesse processo é importante também a certeza que os trabalhadores devem ter de que produzem bens positivos para quem vai usufruir deles.

A comunicação empresarial é importante para os sócios e para os funcionários, que devem sempre ser informados dos acontecimentos, mas também para as pessoas que manifestam interesse pela empresa, porque apreciam o seu valor social: a empresa EdC gera postos de trabalho e destina o lucro para fins sociais, tornando-se, de uma certa maneira, um “bem público”.

São princípios para uma economia utópica? Há 12 anos do lançamento, quase 800 empresas participam do projeto, conseguindo não só sobreviver, mas também partilhar o seu lucro com mais de 12 mil famílias na África, na América Latina, na Ásia, no Oriente Médio e no Leste Europeu. Nesses últimos anos, também as multinacionais têm falado de responsabilidade social da empresa e investem muito para informar que querem trabalhar por um desenvolvimento sustentável, especialmente depois da tragédia de 11 de setembro.

Pode-se acreditar numa conversão dessas empresas a um modo diferente de fazer economia? Depôs a desfavor delas o fato de alguns dos seus diretores de maior prestígio terem se revelado pessoas ávidas, capazes de queimar o dinheiro de quem economizou, com sacrifício às vezes, e também de deixar sem trabalho e sem pensão os seus próprios colaboradores.

Com certeza, porém, nessas grandes empresas trabalham pessoas de bom senso e de boa vontade, muitas vezes bloqueadas por processos indiferentes ao bem comum, construídos por elas mesmas.

Fica claro que alguns comportamentos éticos são incontestáveis: não tanto por uma repentina iluminação, mas porque, vendo dissipar-se o mercado de um país inteiro por causa de uma simples atitude de desrespeito à cultura local, entende-se que o futuro comercial mundial da empresa não depende tanto de exércitos ou mísseis, mas de uma generalizada simpatia e consenso.

Pensar que, na atual anarquia financeira internacional, seja possível realizar nessas empresas um estilo de gestão socialmente sustentável, requer um longo caminho; porém é um caminho que se sabe, mais cedo ou mais tarde, deverão percorrer, pois necessitam do oxigênio oferecido pelos consumidores e pelos investidores do mundo inteiro que escolhem os produtos e as ações deles.

Caso aumentasse a consciência da força da economia e do consumo, que pela própria natureza são flexíveis, tais elementos se adequariam facilmente, mas é necessário apresentar modelos econômicos alternativos que permitam uma revisão dos paradigmas que norteiam todas as ações.

Além da ajuda que podem dar a um número limitado de pobres, o verdadeiro lucro buscado por todos os que trabalham numa empresa de Economia de Comunhão é a possibilidade de oferecer um modelo alternativo que não reduza, mas aumente o bem-estar, a felicidade do homem, de todos os homens.

A Economia de Comunhão pretende favorecer a concepção do agir econômico como um compromisso que abrange idéias e ação (não só lucrativo), que visa a promoção integral e solidária do homem e da sociedade. Portanto, no quadro da economia de mercado, apesar de mirar a justa satisfação das exigências materiais, próprias e dos outros, o agir econômico se insere num contexto antropológico completo, direcionando suas capacidades ao constante respeito e valorização da dignidade da pessoa, seja dos funcionários da empresa – incluindo a rede de produção e de distribuição – seja dos destinatários.

A Economia de Comunhão trabalha para estimular a passagem da economia e de toda a sociedade, da cultura do ter à cultura da partilha.

1. Empresários, trabalhadores e empresa

Os empresários que aderem à Economia de Comunhão formulam estratégias, objetivos e planos econômicos, considerando os critérios típicos de uma correta gestão e envolvendo, nessa atividade, os membros da empresa. Eles investem com prudência e com uma atenção especial para a criação de novas atividades geradoras de empregos.

No centro da empresa encontra-se a pessoa humana, e não o capital. Os responsáveis por ela procuram utilizar os talentos dos funcionários do melhor modo possível, favorecendo a criatividade, a responsabilidade e a participação nas decisões dos objetivos empresariais. Adotam determinadas medidas para ajudar os funcionários que passam por dificuldades.

A empresa é administrada com a finalidade de aumentar a produção do lucro, destinado, com a mesma atenção: para o desenvolvimento da empresa; para pessoas que passam por dificuldades econômicas, começando por quem adere à "cultura da partilha" e para a difusão dessa cultura.

2. O relacionamento com clientes, com fornecedores, com a sociedade civil e com terceiros

A empresa se esforça, do melhor modo possível, para oferecer bens e serviços úteis, de qualidade e a preços justos. Os membros da empresa trabalham com profissionalismo, para construir e reforçar boas e sinceras relações com os clientes, com os fornecedores e com a comunidade, orgulhosos de servirem a todos.

Estabelecem um relacionamento leal com os seus concorrentes, apresentando a efetiva qualidade dos seus produtos ou serviços, e evitando ressaltar os defeitos dos produtos e serviços dos outros.

Tudo isso enriquece a empresa de um capital não material, constituído de relações de estima e de confiança com diretores de empresas fornecedoras ou clientes, ou com a administração pública, produzindo um desenvolvimento econômico menos sujeito à variação de mercado.

3. Ética

O trabalho da empresa é um meio para promover o crescimento espiritual de todos os seus membros.

A empresa respeita as leis e mantém um comportamento eticamente correto perante as autoridades fiscais, os sindicatos e as organizações institucionais.

Age da mesma forma com os seus funcionários, dos quais espera semelhante comportamento.

No que se refere à qualidade dos seus produtos e serviços, a empresa se esforça não só para respeitar os próprios deveres de contrato, mas também para avaliar os reflexos objetivos da qualidade da sua produção no bem-estar dos consumidores.

4. Qualidade de vida e de produção

Um dos principais objetivos dos empresários da Economia de Comunhão é transformar a empresa numa verdadeira

comunidade. Eles se reúnem periodicamente com os diretores e com os gerentes para avaliar a qualidade dos relacionamentos interpessoais. Esforçam-se para resolver as situações difíceis, conscientes de que o empenho para solucionar essas dificuldades pode ter efeitos positivos nos membros da empresa, estimulando inovações e incrementando a maturidade e a produtividade.

A saúde e o bem-estar de cada funcionário são objeto de atenção, principalmente diante de necessidades especiais. As condições de trabalho são adequadas ao tipo de atividade exercida: respeito às normas de segurança, ventilação e iluminação adequadas, nível tolerável de ruído.

Procura-se evitar uma carga horária excedente, de modo que ninguém fique sobrecarregado, e são previstas as férias devidas.

O ambiente de trabalho torna-se tranqüilo, constroem-se relacionamentos de amizade, reina o respeito, a confiança e a estima recíproca.

A empresa produz bens e serviços garantidos, toma as devidas providências para não danificar o meio ambiente e procura economizar energia e reservas naturais, não só durante a produção, mas durante todo o ciclo de vida do produto.

5. Harmonia no local de trabalho

A empresa adota sistemas de gerência e estruturas organizacionais capazes de promover tanto o trabalho em grupo quanto o crescimento individual.

Os funcionários fazem o máximo para manter os locais de trabalho organizados, limpos e agradáveis. Assim, patrões, empregados, fornecedores e clientes, encontrando-se num ambiente harmonioso, sentem-se em casa, assumem este estilo como próprio e passam a difundir-lo.

6. Formação e instrução

A empresa favorece a criação de uma atmosfera de ajuda recíproca, de respeito e de confiança, em que se torna natural colocar à disposição, livremente, os próprios talentos, idéias e capacidades, em benefício do crescimento profissional dos colegas e para o progresso da empresa. O empresário estabelecerá critérios de seleção de pessoal e de programação do desenvolvimento profissional para os funcionários, com a finalidade de criar esta atmosfera. Para que todos possam conquistar os objetivos de interesse da empresa ou de crescimento profissional pessoal, a empresa promoverá freqüentemente cursos de reciclagem e de aprendizado.

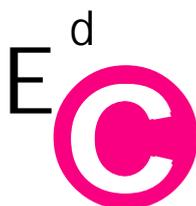
7. Comunicação

A empresa que adere à Economia de Comunhão estabelece uma comunicação aberta e sincera que favorece o intercâmbio entre diretores e funcionários.

Esta comunicação se estende a todas as pessoas que, conscientes da importância social deste projeto, se prontificam a contribuir com o seu desenvolvimento. É aberta, ainda, àqueles que se interessam pela cultura da partilha e desejam aprofundar os vários aspectos dessa experiência concreta.

As empresas que aderem à Economia de Comunhão utilizam os mais modernos meios de comunicação, com a finalidade de desenvolver relacionamentos econômicos reciprocamente úteis e produtivos, para se manterem ligados, tanto em nível local, quanto em nível internacional. Alegrem-se com o sucesso e valorizam as dificuldades, as provações e até mesmo o insucesso dos outros, num espírito de colaboração e de solidariedade.

O Pólo Spartaco no Brasil da esperança



Oito anos atrás, em Vargem Grande Paulista (SP), a 51 km de São Paulo, surgiu, próximo à Mariápolis permanente do Movimento dos Focolares, o primeiro Pólo empresarial da EdC. Recebeu o nome de Spartaco Lucarini, escritor e jornalista econômico, atento aos problemas mundiais, um dos primeiros companheiros de Chiara Lubich.

O Pólo Spartaco hoje é constituído por nove empresas, que oferecem cerca de 300 empregos diretos e indiretos: seis delas estão inseridas na área do Pólo e as outras três atuam a poucos quilômetros de distância.

“Somos pobres, mas muitos” foi a fórmula que Chiara indicou aos brasileiros como encorajamento para iniciar um projeto tão arrojado, num Brasil afligido por uma série de problemas econômicos e sociais. Hoje, a ESPRI S/A, que foi constituída para oferecer infraestrutura e serviços às empresas do Pólo, conta com 3.650 acionistas e tornou-se a primeira empresa de participação no Brasil.

Em 1998, visitando o Pólo Spartaco, Chiara escreveu: “... Fiquei encantada. Paira no ar algo novo, que revela “o futuro”. Pedi a Spartaco que o proteja e o incremente, a fim de que, com a bênção do Céu e com o ardor e a audácia dos nossos “pioneiros”, se realize o designio que Deus tem para ele, como modelo e incentivo de toda a Economia de Comunhão no mundo”.

Os “pioneiros” do Pólo não foram só empresários: Ginetta Calliari, uma das primeiras companheiras de Chiara, que viveu no Brasil por mais de 40 anos, acompanhou e sustentou cada passo. Pode-se dizer que ela deu a vida pela Economia de Comunhão. Pouco antes de concluir a sua aventura terrena, no dia 8 de março de 2001, a quem lhe perguntava como havia nascido um Pólo como aquele, ela respondia: “É sangue da alma”.

Em Brasília, numa Sessão Solene da Câmara dos Deputados em homenagem a Ginetta, a Economia de Comunhão foi apresentada nas mais altas esferas políticas do país. O projeto continua atraindo a atenção de senadores, deputados, prefeitos, políticos de todos os níveis, que desejam conhecer essa experiência-piloto. A visita ao Pólo Spartaco foi uma etapa do programa oficial da Comissão Mista para o Combate e a Erradicação da Pobreza. O Pólo já foi visitado por pessoas de 50 países e tornou-se meta de estudantes e professores universitários. A nova cultura que nasce do projeto está penetrando em muitas universidades brasileiras e, em algumas delas, a EdC foi incluída como disciplina curricular.

O prof. Stefano Zamagni, da Universidade de Bolonha, afirma que o Pólo Spartaco é um «verdadeiro “escândalo” para o pensamento comum e principalmente para a ciência econômica, pois demonstra com fatos que é possível conjugar a eficiência com a eficácia, com a plena realização do aspecto humano. É um desafio teórico e prático que está se saindo vencedor, e tem condições de enviar mensagens a todo o país».

Neste momento histórico de grandes transformações no nosso país e na conjuntura internacional, o Pólo Spartaco oferece o seu testemunho ao mundo: uma experiência modesta quanto às suas dimensões econômicas, mas luminosa e sintonizada com este nosso tempo, tão sensível às exigências sociais e que tem evidenciado provavelmente uma das mais belas características dos brasileiros: a esperança.

Norma Curti e Corrado Martino

normamginetta@node1.com.br

corrado Martino@uol.com.br

Entrevistamos Rodolfo Leibholz, presidente do Conselho de Administração da ESPRI, a Sociedade Anônima que administra o Pólo Spartaco.



Você pode traçar, sinteticamente, a caminhada do Pólo Spartaco nestes oito anos de existência?

Quando você pinta um quadro, primeiro faz um esboço, depois aprimora os detalhes. Iniciamos acreditando no projeto, constituindo a ESPRI, adquirindo o terreno do Pólo e captando recursos através da subscrição de ações. Chegamos a implantar seis das dez empresas previstas pelo plano diretor, todas elas produzindo, por amor, bens e serviços de qualidade de que a sociedade necessita.

Percebemos que chegou a hora de aprimorar os detalhes e atuar plenamente os «Princípios para a gestão de uma empresa da Economia de Comunhão». Daí surgiu a idéia do Projeto ESPRI 2010.

Em que consiste esse Projeto?

Partimos da consideração da evolução da ciência. Por volta de 1500, Copérnico introduziu o conceito de que a Terra não é o centro do Universo, revolucionando o modo de pensar da época. Cem anos depois, Galileu deu fundamentação científica à tese de Copérnico. Houve uma mudança de paradigma e de todas as conceituações. No século XVIII, Newton começou a desenvolver as leis da física, revelando que o mundo é como um “mecanismo de relógio”. Mas em 1905, quando Einstein lançou a teoria da relatividade, a física foi novamente questionada. Com a física quântica, a teoria da relatividade foi colocada contra a parede e nos deixou envoltos em mistérios até hoje.

As mesmas transformações ocorreram na organização do trabalho, inicialmente com a revolução industrial e depois quando, por volta de 1900, Henry Ford inaugurou a produção de automóveis em série. Esses novos princípios foram transformados por Frederick Taylor em prin-

cípios de organização que levaram ao extremo a idéia de que cada operário é encarregado de uma função específica, sem ter uma visão de conjunto do que está sendo produzido, pois o processo se expandiu e se fragmentou.

Hoje, passadas várias décadas o nosso sistema de produção ainda sofre os efeitos dessa organização, na qual o homem é deixado à margem, perdendo o sentido do que faz.

Nesse contexto, em 1991, Chiara Lubich lança a Economia de Comunhão, um novo paradigma que poderá transformar radicalmente a vida das empresas e as suas relações com a sociedade.

Dentro desse quadro, qual é a novidade da EdC?

A EdC traz valores, valores cristãos, em contraste com o atual modelo de empresa. Como combinar valores éticos, morais, de respeito à pessoa humana, com uma empresa concebida como máquina? Esse é o desafio do projeto, que traz uma forma nova de ver a empresa, como uma realidade viva, um organismo vivo. É um novo paradigma.

A ESPRI e as empresas da EdC devem ser consideradas como organismos vivos, cujos componentes têm funções próprias, diferentes entre si, mas trabalham numa interdependência recíproca que é serviço, comunhão.

Se analisarmos todas as áreas da atividade humana, constataremos que as soluções tradicionais não estão funcionando e é urgente encontrar novos caminhos, que ofereçam soluções aos grandes desafios atuais.

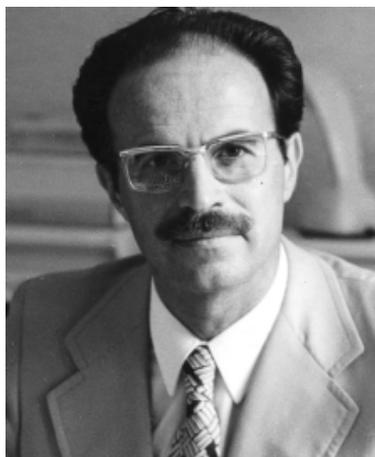
Quais são os novos caminhos propostos pela EdC?

A unidade – proposta pela espiritualidade do Movimento dos Focolares – traz ao mundo uma nova visão que transforma a nossa forma de pensar, de decidir e de agir. Se analisarmos as organizações com essa nova visão, chegaremos à conclusão de que as propriedades das partes só podem ser entendidas a partir da consideração do todo. Esse novo paradigma apresenta um conjunto de conceitos, de valores e de percepção que tem por raiz a partilha, a comunhão entre as pessoas que compõem a comunidade da or-



Fernanda Pompermayer
smfnot@node1.com.br

Spartaco Lucarini, juntamente com Igino Giordani, foi um dos primeiros que compreendeu a dimensão universal do Carisma da Unidade e dedicou a ele os seus inúmeros talentos. Jornalista político e econômico, escritor com uma vasta produção literária sobre temas sociais e familiares, dirigiu durante muitos anos a revista Città Nuova.



ganização. Esses conceitos e valores são muito diferentes da mera soma das soluções individuais, e as superam.

Quando o amor recíproco é colocado como base do relacionamento entre as pessoas, descobrimos mudanças profundas em termos de pensamento e de valores. Ele gera a unidade, gera sabedoria para toda a empresa: uma sabedoria tecnológica, administrativa, que não deixa o homem de fora. Desse modo, ao abordar problemas como poluição, danos ambientais, corrupção, etc., que a teoria econômica tradicional não leva em conta, teremos uma nova visão e uma nova postura para encontrar soluções.

De que modo esse novo paradigma influi na organização de uma empresa?

Ele nos leva, antes de tudo a otimizar e não a maximizar. O objetivo da ESPRI e das empresas do Pólo está em buscar o lucro mantendo a visão do objetivo a que se destina. É importante ressaltar esse ponto porque pode acontecer que, na tentativa de maximizar um determinado aspecto da empresa, inevitavelmente, causemos o prejuízo do todo, comprometendo o equilíbrio e a harmonia da mesma.

Outro ponto: a essência da empresa é a cooperação. Não podemos ter a atitude do "nós contra eles", típico do sistema atual, pois fazemos parte de um todo maior, através da comunhão. Os dirigentes das empresas da EdC, devem, cada vez mais, adotar uma estratégia de integração, como parte de um organismo maior, tanto em nível local quanto mundial.

O reconhecimento dessa realidade (da unidade) sugere que não podemos ter divisão dentro da empresa, nem entre a empresa e os fornecedores ou clientes.

Em lugar do confronto, que provoca divisões, devem surgir equipes de trabalho, alianças e parcerias. Consequentemente, a adesão à proposta da unidade no agir econômico e a aceitação dessa missão devem sempre nos levar a questionar como melhorar.

Temos que considerar também o que eu chamaria de "estabilidade dinâmica". A estabilidade de um sistema vivo não é imobilidade nem rigidez. Num sistema vivo, manter-se estável significa estar em equilíbrio, em harmonia entre as partes. Portanto, para ser saudável, um sistema vivo deve ser flexível e dinâmico. A EdC tem como princípio a solidariedade. Logo, as empresas de EdC devem auto-organizar-se segundo esse princípio, devem ter um alto grau de liberdade e interagirem com o ambiente e o meio cultural no qual estão imersas. Isso sem perder a autonomia.

Então, o que muda na empresa?

Muda muita coisa. Muda o perfil de liderança: os executivos deixam de ser controladores e passam a ser cultivadores e catalisadores do processo. Muda a hierarquia, que não é rígida, do tipo piramidal, mas que cede lugar a uma organização do tipo rede neural, mais flexível e funcional. Altera-se o equilíbrio empresarial, que não é mais mantido por meio da força entre os "pólos opostos", mas reconhecendo e somando as par-



tes positivas desses "pólos". Passa a ser um equilíbrio dinâmico entre os grupos de interesses e tendências. Além disso, é preservada a essência da empresa de EdC. Enquanto as estruturas estão em permanente transformação (funcionários, equipamentos, clientes, etc.), as intenções, os valores, os princípios da empresa da EdC, a sua essência, devem permanecer imutáveis.

O pensamento econômico atual não tem sido capaz de lidar com as questões essenciais da vida em sociedade. Quais são os pensamentos novos nos quais a EdC se baseia?

Podemos dizer que, na sociedade atual, o crescimento da atividade econômica é o objetivo máximo. Em nível microeconômico, os indivíduos e as empresas sempre objetivam maximizar vendas, mercados e lucros, com a meta de garantir o futuro, acumulando bens.

Em nível macroeconômico, os países buscam maximizar o crescimento do seu PIB com o pretexto de assegurar o bem-estar da população.

Toda atividade econômica trabalha com a "premissa" de que qualquer crescimento é bom, portanto, quanto mais crescimento, melhor. Nós estamos vendo que essa afirmação não é verdadeira. Os teóricos já deviam ter percebido que o modelo está errado, porque a pobreza relativa está aumentando. Portanto, o desenvolvimento é ilusório.

Na EdC, e portanto na experiência que queremos fazer no Pólo Spartaco, partimos da premissa de que o desenvolvimento não deve promover apenas o crescimento dos índices de economia. Adotando o conceito de que as empresas e a economia não funcionam como máquinas, antes de buscar o crescimento, procuraremos avaliar se ele será benéfico para todos os níveis sociais e não apenas para alguns privilegiados. O individualismo e o acúmulo de bens não conduzem a esse novo conceito de evolução.

Hoje chamamos de países "desenvolvidos" aqueles que possuem índices econômicos altos, ou seja, sucesso econômico. Na EdC, esses indicadores também são importantes, mas devem estar em equilíbrio e harmonia com as pessoas como um todo. Assim, o conceito de

desenvolvimento está ligado ao sucesso econômico, mas este deve estar direcionado à satisfação das necessidades humanas. O mais importante é que esta nova noção de desenvolvimento traz um esclarecimento do que é riqueza e pobreza.

Como você enunciaria o conceito de "pobreza" e de "riqueza"?

Atualmente, considera-se pobre a pessoa que não possui condições econômicas satisfatórias; e rica, a que possui condições econômicas privilegiadas. O novo conceito é: qualquer necessidade humana não satisfeita é uma forma de pobreza e qualquer necessidade humana satisfeita é uma forma de riqueza. Isso porque se considera o homem como um todo e não só o lado econômico e individualista.

Na EdC, riqueza passa a ser tudo aquilo que se acrescenta ao ser humano, não só dinheiro, mas cultura, participação, realização, confiança, ambiente.

Pobreza é aquilo que diminui o homem. Nesse conceito, podemos enquadrar o excesso de riqueza material, de dinheiro, porque a pessoa que acumula e não partilha empobrece interiormente.

Cada empresa ou comunidade deve determinar para si, livremente, a sua referência padrão de pobreza e riqueza em função de suas necessidades específicas. Para que o crescimento econômico possa atingir a sua finalidade, elas não podem crescer somente quantitativamente, mas também na qualidade das relações produtivas, administrativas e de serviços.

Esse novo agir econômico sugere um crescimento equilibrado e harmonioso, como se processa num organismo sadio e maduro. Tal crescimento deve atender às necessidades materiais e espirituais da sociedade, sem

prejudicar as oportunidades das gerações futuras. Quem tem sucesso não é quem ganha mais, e sim quem se realiza e realiza a sociedade na qual está inserido, inclusive financeiramente.

A EdC sugere um "padrão de organização" nas empresas e na economia que se baseia numa rede de relacionamentos, na vivência da solidariedade e do amor recíproco. Esse padrão, característico das pessoas que vivem no amor, voltadas umas para as outras, é uma das riquezas da vida e gera a unidade. Logo, o crescimento econômico só é aceitável se houver o enriquecimento da vida da população como um todo.

É dentro desse novo paradigma que devemos definir uma nova visão de desenvolvimento para as empresas da



EdC, que se baseia na experiência do Movimento dos Foculares. E é justamente esta a experiência que procuramos fazer no Pólo Spartaco.

Em termos organizacionais, existe algum elemento inovador?

Sem dúvida. Uma das técnicas administrativas inovadoras que estamos utilizando na administração do Pólo consiste em considerar cada atividade sob sete pontos de vista, sob sete aspectos que costumamos relacionar com as cores do arco-íris.

Fazemos isso com um enfoque especial para os bens relacionais, que são tão importantes – se não mais – do que os próprios bens produzidos. Cada membro do Conselho de Administração foi incumbido de promover a aplicação de um aspecto na vida empresarial do Pólo Spartaco: a comunhão, que gera produtividade e a partilha do lucro – que associamos à cor vermelha; a irradiação do *modus vivendi* do Pólo – que associamos ao alaranjado; a garantia da nobreza da missão proposta – que associamos ao amarelo; a saúde como bem-estar dos membros da empresa e o respeito pelo meio ambiente – associada ao verde; a harmonia no ambiente de trabalho – associada ao azul; a formação e o desenvolvimento, além da pesquisa – associada à cor anil; o intercâmbio de experiências – associada ao violeta.

Queremos provar, testemunhar que não só é possível fazer essa profunda experiência espiritual dentro das empresas, mas é indispensável, imprescindível.

Plano Diretor do Pólo Spartaco



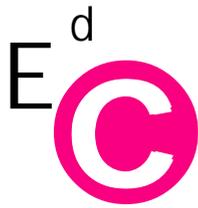
Quais são os próximos passos?

Efetivar o crescimento na direção dos bens relacionais. Este é o diferencial do Pólo em relação a outros condomínios industriais: os bens relacionais, o equilíbrio que o suporte espiritual confere às relações também em nível empresarial.

Portanto, tendo por base esse substrato de “vida”, estabelecemos objetivos e metas a serem atingidos em prazos determinados. A consecução dessas metas é buscada por todos os membros da Diretoria e do Conselho, mas foi confiada de um modo especial a cada conselheiro e/ou diretor:

- projetar financeiramente a ESPRI após completar o Pólo;
- continuar buscando empresas adequadas ao Pólo; estudar o desenvolvimento de um Centro comercial adjacente;
- fomentar o interesse pelas ações da ESPRI, identificar e capacitar os seus “polarizadores” em cada região do país;
- aumentar a comunicação entre os acionistas;
- estabelecer um plano de crescimento e estratégia do negócio para as empresas existentes e para o Pólo no seu conjunto nos próximos dez anos; estudar a criação de um grupo para assessorar as empresas da EdC em termos culturais e técnicos;
- estudar a constituição de uma Associação das Empresas do Pólo Spartaco.

Todas essas metas têm como objetivo organizar as atividades para dar apoio às empresas do Pólo e atingir o grande objetivo de ser um “farol”, um laboratório onde é destilado um novo estilo de atuação econômica.



As empresas do Pólo Spartaco



La tunica

“Lembra a túnica de Jesus”: foi assim que Chiara “bati-zou”, em 1991, a primeira empresa da EdC do mundo, cujas instalações ela visitou pessoalmente logo após o lançamento do projeto. A La tunica, iniciada por um grupo de moradoras da Mariápolis permanente, foi também a primeira empresa que se transferiu para o Pólo Spartaco, ocupando um galpão de 300 m²: tem 15 funcionários e dez colaboradores externos.

Com produtos de qualidade, confeccionados segundo as tendências da moda, possui duas marcas: La Tunica, com uma linha feminina, e roupas para crianças e jovens com a marca exclusiva PP&JB, além de uniformes escolares e empresariais.

O aspecto que sempre norteou a vida da empresa é a comunhão. Mesmo os mais recentes funcionários percebem que a presença de Deus entre pessoas que se amam faz parte da vida empresarial. Para merecer essa Presença, procura-se dar ao outro total atenção: o trabalho iniciado por uma pessoa será finalizado por outra, até chegar a um próximo desconhecido que vestirá aquela roupa.

A La tunica é uma grande família, na qual alegrias e sofrimentos são compartilhados e todos se sentem sustentados pelo amor concreto dos irmãos. Floriza, casada, com um filho de dois anos, começou a trabalhar na La tunica cinco anos atrás, como costureira. Aprendeu a operar em todas as máquinas e hoje é responsável pelo setor de costura. Floriza conta que compreendeu a importância do amor recíproco diante de uma dificuldade encontrada na confecção de uma peça nova. Apenas uma das costureiras sabia como executar determinada operação, o que ocasionava um gargalo na produção, prejudicando o ritmo do trabalho. Por outro lado, ela não podia parar para ensinar as outras. Resolveram se reunir e analisar juntas o problema. Uma costureira, há pouco integrada no setor, deu uma sugestão: “Por que nós, que não dominamos esta operação, não nos sentamos ao lado da colega que tem prática para aprender?”

Fernanda Pompermayer (org.)

smfnot@node1.com.br



Assim ela não precisa parar seu trabalho para nos explicar”. Todas aceitaram. Em pouco tempo dominavam perfeitamente aquela operação e o novo sistema mostrou-se válido também em outras dificuldades.

Prodiet

Há 13 anos a Prodiet atua em Curitiba na distribuição de medicamentos e, desde 1998, tem uma filial no Pólo Spartaco.

Os seus proprietários, Armando e Roseli Tortelli encontraram na EdC um sentido maior para a sua atividade empresarial. «A empresa passou a ser não só fonte de sustento para a nossa família, mas adquiriu uma finalidade muito maior: tornou-se patrimônio da humanidade», comentam.

Ao destinar a primeira parcela do lucro da empresa para a EdC, o funcionário que preparou o cheque calculou quantas cestas básicas poderiam ser compradas, para alimentar um número correspondente de famílias, e ficou entusiasmado! Assim, como muitos outros funcionários da Prodiet, ele encontrou na EdC uma realização mais plena no trabalho. Enquanto isso ia amadurecendo, ocorreu uma verdadeira mudança cultural nas relações entre os funcionários e a administração da nossa empresa.

Neste setor do mercado, as práticas ilegais de pagamento são freqüentes, mas a opção por um comportamento ético contra a corrente não impediu o desenvolvimento da Prodiet. Pelo contrário, atraiu atenção e respeito, inclusive de vários consultores de gestão empresarial, que a apontam como um modelo.

Um jovem executivo, com um futuro promissor numa grande multinacional, renunciou à carreira para trabalhar conosco, pela metade do salário, porque diz que na Prodiet ele se realiza como pessoa.

«Procuramos ser competitivos e modernos – diz Armando Tortelli – mas sem esquecer que lidamos com pessoas: o cliente, o fornecedor, o funcionário, o concorrente». E é justamente com os concorrentes que as experiências da Prodiet são abundantes e ousadas. Houve casos em que um “inimigo” tornou-se parceiro; outro, depois de uma longa batalha, procurou os Tortelli para pedir conselhos que não pediria nem aos familiares mais íntimos. E encontrou o amor que sana todas as feridas.



Ercília Fiorelli



François Neveux



Eco-ar

Surgiu em 1995, com sete sócios, para responder ao desafio da EdC. No início, numa sala de 40 m², eram fabricados mil litros/mês de produtos de limpeza, vendidos de porta em porta ou em pequenos mercados. Depois de um ano, a Eco-ar se transferiu para o Pólo, conquistando, pouco a pouco, uma fatia de um mercado controlado por indústrias multinacionais.

Hoje a Eco-ar ocupa uma área de 700 m², com uma produção de 600 mil litros/mês. Conta com duas linhas de produção automatizadas e abastece, inclusive, grandes supermercados, com um faturamento anual de aproximadamente 1 milhão de dólares.

«O segredo de um desenvolvimento tão rápido – afirma Ercília Fiorelli – está no compromisso de permanecer fiéis ao projeto e na confiança na intervenção de Deus, que se revelou no momento em que um importante centro de pesquisa analisou aleatoriamente os nossos produtos e os qualificou como excelentes. Isso facilitou o nosso acesso ao mercado.

Trata-se de um mercado que oferece margens de lucro mínimas, dado este que é usado para “legitimar” um tipo de produção danosa ao consumidor e ao meio ambiente. Usando, pelo contrário, matéria-prima de origem controlada e ecologicamente aceitável, nos encontramos muitas vezes numa posição de desvantagem em relação a quem não tem essa preocupação e, por isso, oferece preços mais baixos. No entanto, a nossa seriedade e a qualidade dos produtos abriu novos espaços no mercado».

«Em nome da nossa opção ética – continua Ercília – solicitamos a uma multinacional, que fornecia um componente químico, que nos garantisse uma qualidade controlada. Esse nosso pedido levou a empresa fornecedora a aprimorar a sua qualidade. Três grandes redes de supermercados, satisfeitas com a nossa qualidade, solicitaram a fabricação de produtos com marca própria.

Atualmente estamos nos programando para aumentar a produção para 1,2 milhão de litros/mês: além da linha domiciliar, passaremos a produzir uma linha institucional».



KNE-Rotogine

François Neveux, empresário francês, visitou, em 1995, o Pólo Spartaco, com a intenção de oferecer aos empresários brasileiros a tecnologia que ele havia desenvolvido na produção de grandes manufaturados plásticos. Vendo o segundo galpão do Pólo em fase final de construção, sem que houvesse ainda uma definição da empresa a ser instalada, decidiu implantar pessoalmente, no Pólo, uma filial da sua empresa francesa.

Assim surgiu a Rotogine, que, em maio de 2000, com a entrada de duas outras empresas brasileiras como sócias, passou a se chamar KNE Plast, consolidando-se no mercado.

Hoje, através do processo de rotomoldagem de plásticos, a KNE fabrica produtos para as áreas de saneamento básico, construção civil, lazer, armazenamento de líquidos, etc.

A vantagem competitiva da empresa está na constante troca de experiências entre os sócios para o desenvolvimento de novos produtos ou para a sua adaptação a mercados diferentes, para o desenvolvimento de máquinas e equipamentos e para a importação/exportação.

Recentemente a KNE definiu novos objetivos para gerar mais empregos, especialmente para os jovens que participam das escolas de formação na Mariápolis Ginetta, visando também aumentar o lucro a ser partilhado. Decidiu crescer com amplo foco no mercado de saneamento básico, buscando, inclusive, a terceirização dos produtos. A ação do “sócio invisível” no dia-a-dia da empresa é perceptível de mil maneiras: especialistas na área de saneamento que atestam a eficiência e recomendam os produtos; clientes que, pelo relacionamento estabelecido com a empresa permanecem “fiéis”; fornecedores que se esforçam ao máximo para atender uma necessidade urgente de matéria-prima.

Mensalmente são discutidos com os funcionários os resultados obtidos e os próximos passos, com sugestões deles sobre mudanças nos equipamentos, a fim de aumentar a produtividade. É dada uma atenção especial às



dificuldades de cada um, chegando a uma partilha espontânea de bens entre os funcionários e também à intervenção da empresa em caso de necessidades mais urgentes. Em julho de 2002 foram concluídas as obras de expansão do galpão da KNE, duplicando a área construída. No ano 2000, houve um crescimento de 15%; em 2001, de 40% e em 2002, um crescimento de 84% em relação ao ano anterior.

Novas possibilidades de exportação e novos trabalhos de fabricação de produtos para terceiros mostram o potencial de crescimento para 2003. A KNE está em contato com empresas da EdC na Argentina, na Colômbia e nos EUA, com a disposição de ceder sua tecnologia e seus conhecimentos de mercado no setor.

AVN

A AVN iniciou suas atividades no Pólo há quase três anos, num moderno galpão de 700 m². Conta com 20 funcionários e produz mensalmente 400 mil embalagens plásticas para produtos químicos e de limpeza.

Augusto A. Lima Neto decidiu iniciar a empresa durante o Congresso do Bureau Internacional da Economia e Trabalho, em 1999, quando Ginetta Calliari recordou que a difusão do projeto EdC depende de pessoas dispostas a segui-lo até as últimas conseqüências. Augusto, que dispunha de meios econômicos e de competência, se sentiu "chamado": «Eu precisava de um empurrão final, e Ginetta me deu esse impulso» – conta ele.

As atividades começaram com entusiasmo, empenho e boas perspectivas, mas, pouco tempo depois, um ótimo cliente faliu, deixando uma grande dívida por saldar. «Seguiram-se momentos de questionamento, de hesitação e de desânimo, mas o projeto EdC não é nosso – diz Augusto –, é Obra de Deus e Ele tem seus caminhos, seus métodos e também suas soluções». Quando parecia não haver mais saída, chegou um pedido inesperado, um novo fornecedor de matéria prima com um custo mais baixo, uma nova idéia para aumentar a produção, novos clientes e também pessoas dispostas a conceder empréstimos sem juros: foi

uma experiência de comunhão e de verdadeira solidariedade entre as empresas do Pólo e com a ESPRI. Depois dessa experiência, que envolveu de modo positivo sócios e funcionários, a AVN está retomando forças com uma maturidade maior e com a perspectiva de novos produtos que ampliarão o seu mercado.

Uniben

«... levar a idéia da comunhão à atividade financeira... seria o maior de todos os escândalos...», afirmou um professor de economia que visitou o Pólo Spartaco. A Uniben atua no mercado financeiro: nasceu como uma factoring justamente para favorecer o projeto EdC, oferecendo crédito principalmente às empresas da EdC que estão se constituindo ou se expandindo. A atividade não é orientada exclusivamente ao lucro – mesmo se uma parte do lucro da Uniben também é destinado à EdC – mas é conduzida num espírito de ajuda recíproca, procurando compreender as necessidades reais dos clientes. Os proprietários de uma pizzaria coligada ao projeto, por exemplo, tiveram o suporte da Uniben para abrir uma filial.

A empresa está buscando novos setores de atividade e já ampliou a própria gama de serviços por meio de um acordo com um grande banco. Atualmente trabalha também com seguros, consórcios e passagens aéreas.

Policlínica Ágape

Onze anos atrás, pouco depois do lançamento da EdC, um gesto rico de fé e de entusiasmo, representou o impulso inicial para o surgimento da Policlínica Ágape: Paula, uma jovem médica recém formada, colocou à disposição 2 mil dólares, fruto da venda de jóias herdadas de sua mãe, recentemente falecida. Depois, algumas famílias e outros profissionais mudaram-se para Vargem Grande Paulista a fim de constituir a Policlínica Ágape.

Atualmente a Policlínica conta com um arquivo de mais de 15 mil clientes, com um quadro de 35 médicos e profissionais de várias áreas, um laboratório de análises cli-



Augusto Lima Neto



Darlene Bonfim



Hérica Salvador



Ana Maria Corrêa

nicas, fisioterapia, odontologia e diagnóstico por imagem. A cada mês presta seus serviços, em média, a 130 novos clientes.

Uma forte experiência vivida em 2002 foi a transferência para a nova sede. Parecia um sonho... e se realizou! Uma casa adequada, com todos os requisitos: só pode ser obra do "sócio invisível"!

Durante o ano os reflexos da crise econômica mundial foram sentidos, causando preocupações e suspensões, mas a comunhão que caracteriza a experiência profissional da Ágape foi fonte de toda solução. Multiplicaram-se as forças, as idéias e a ação da Providência!

O relacionamento com os médicos e profissionais se intensifica correspondendo aos princípios da Economia de Comunhão. Muitos não possuem um referencial religioso, mas aderem e vibram com o projeto. Recentemente, um deles disse publicamente: «Esta não é uma Policlínica, não tem nada a ver com uma clínica... aqui eu encontrei uma família».

Uma psicóloga muito competente, mora e trabalha em São Paulo, com a agenda cheia. Parecia impossível poder contar com ela no quadro de profissionais da Ágape! Nesse ano, porém, após a inauguração da nova sede, os contatos se tornaram mais freqüentes, ela conheceu melhor a EdC, até que um dia, disse: «Eu também quero ser protagonista deste projeto revolucionário». Agora já está entre os profissionais da Policlínica!

O relacionamento com os funcionários é de máxima abertura, com a consciência de cada um deles é importante e exerce um papel de protagonista na EdC. Uma das funcionárias, que trabalha há anos conosco, quando foi admitida era tímida e sem projetos para o futuro. Foi estimulada a estudar e concluiu o curso técnico de enfermagem. Nesse ano ela decidiu continuar os estudos, ingressando na Faculdade de enfermagem.

O conceito da centralidade do homem na atividade econômica leva a considerá-lo antes de tomar qualquer decisão, fluindo de forma decisiva na administração da empresa. O crescimento da Ágape é progressivo. Neste ano foi adquirido um colposcópio e um mamógrafo, este último em parceria com o médico radiologista. Na cidade de Vargem Grande não havia este serviço, quase indispensável. No segundo mês de funcionamento as entradas já haviam coberto o investimento inicial e a mensalidade. Foi montado um ambulatório para pequenas cirurgias, uma sala para inalação e foram introduzidos exames cardiológicos, como o sistema Holter e o teste ergométrico.

Em 8 de setembro de 2002, a Policlínica completou dez anos: uma década de lutas, de vitórias, mas principalmente de uma alegria ímpar, a alegria de ver, dia após dia, a concretização da idéia da EdC também da área da saúde, com uma válida contribuição.



Comunione – contabilidade e assessoria

Abrir um escritório de contabilidade para atender às necessidades das empresas EdC: esta foi a idéia de três contadoras, duas delas recém-formadas, que deu início ao Comunione, contabilidade e assessoria.

Com a consolidação do escritório, graças principalmente à qualidade do trabalho e ao testemunho dado no âmbito da legalidade, começaram a prestar serviços também para outras empresas de Vargem Grande e de São Paulo.

Para ajudar os pequenos empresários, muitas vezes esmagados pela carga tributária, juntamente com outras empresas da EdC, o Comunione procurou fazer um estudo detalhado da legislação tributária conseguindo enquadrá-las numa categoria que reduziu consideravelmente os seus impostos e sem recorrer à sonegação.

«Ao contrário de outras empresas que produzem bens "visíveis", – explica Hérica Salvador, do Comunione – o nosso trabalho se alicerça nos bens relacionais: através de um serviço competente, procuramos instaurar um relacionamento de fraternidade que permite que Deus se torne presente em meio a nós».

A postura ética do Comunione está contagiando e atraindo a admiração e o respeito seja por parte dos clientes que dos órgãos públicos... e os clientes aumentam!

Escola Aurora

A Escola nasceu em Vargem Grande Paulista (SP), em 1991, no dia em que Chiara lançou o projeto da EdC. As sócias eram professoras, com diferentes experiências, um pequeno capital e uma grande fé. As atividades iniciaram com cinco salas da educação infantil. Hoje a Aurora tem 194 alunos, em 17 classes, até o ensino médio.

A prática educacional da Escola Aurora, inspirada no carisma da unidade, através da comunhão entre educadores das mais variadas linhas teóricas, suscitou uma prática pedagógica própria. Uma "linha" de trabalho que nasceu do diálogo, da partilha e do questionamento de várias práticas, tem demonstrado bons resultados na formação integral de crianças e adolescentes.

A Providência manifesta-se sempre, seja através da disponibilidade de professores competentes, seja com a chegada de novos alunos num momento em que se faziam necessárias novas entradas e até mesmo através de somas em dinheiro, inesperadas. O "sócio invisível" sempre está em ação! «Quando chegou a hora de destinar parte do lucro para a EdC – conta Ana Maria do Nascimento Corrêa, diretora da Aurora, tendo que suprir necessidades urgentes, não teríamos condições de disponibilizar o lucro... mas, por uma alteração da legislação, justamente naqueles dias, o governo restituiu à nossa escola uma parte dos impostos recolhidos: uma quantia equivalente ao dobro do que havíamos pensado em destinar à EdC!».

«Se o grão de trigo não morre...»

«Diariamente, há anos, quando cruzo o portão de acesso ao Pólo, tenho a impressão de que se abre à minha frente a “porta do Paraíso”. Em contato com aquelas pessoas, mas também com as construções, com a infra-estrutura... sinto que devo trabalhar, falar, agir sob a orientação do Espírito Santo, pois naquele lugar é palpável a ação de Deus», comenta uma funcionária do Pólo.

No dia 14 de setembro, porém, ao dirigirem-se ao Pólo Spartaco, nenhuma das pessoas que trabalhavam no Pólo podiam imaginar o que esperava por elas.

«Naquele dia, ao chegar ao trabalho, aproximou-se de mim um homem bem vestido que, gentilmente, chamando-me pelo nome, convidou-me a ir até o prédio da La tunica. Lá fui recebida por um outro homem que apontou para mim uma metralhadora. Numa fração de segundo, percorro com o olhar aquela sala e me deparo com a chefe da sessão, que me tranquiliza: “Fique calma”, fazendo-me, com o dedo, o sinal de unidade. Era um assalto».

A cena era totalmente incomum. Na medida em que os funcionários e diretores das empresas do Pólo iam chegando, eram rendidos por 30 homens armados da quadrilha que, há uma hora, ocupava o Pólo, invadindo todas as empresas à procura de dinheiro.

A Prodieta, distribuidora de medicamentos, foi a mais atingida. Levaram todo o estoque, num valor de 55 mil dólares. Em março do mesmo ano, os mesmos funcionários da Prodieta haviam sido feitos reféns de outros 15 assaltantes, que também roubaram todo o estoque.

Muitas impressões marcaram os corações de todos naquelas duas horas intermináveis de suspensão... «Foi um encontro imediato com Jesus na cruz... Senti o meu coração ser tomado por uma grande paz, por uma luz, na certeza de ter um Pai que nos ama e que conta até os cabelos da nossa cabeça».

«Pensei que poderiam ser os meus últimos momentos... Fiz um ato de contrição e me entreguei a Deus, como Chiara nos ensina. Pensando que a caridade cobre a multidão de pecados, rezei pelos assaltantes: “Pai, perdoai-os, porque não sabem o que fazem”».

«Lembrei-me das palavras de Chiara: “Um ato de amor pode parar a mão de um terrorista”. Experimentei de um modo muito forte que Jesus em meio é uma pessoa e, naquele momento, Ele se tornava vivo, presente».

«Um dos assaltantes estava nervoso, agressivo. Rezei por ele, procurando ir além da aparência e identificar Jesus naquele homem. A um certo ponto ele se dirigiu a nós e pediu desculpas por aquilo que “devia fazer”...».

Naqueles momentos dramáticos a força da unidade venceu, criando uma atmosfera de serenidade. Constatamos, mesmo entre os funcionários que não participam do Mo-

vimento dos Focolares, quanto este estilo de vida penetrou, transformando-se em fatos.

Quando tudo terminou, juntamente com a sensação de “profanação” de algo sagrado, o encontro entre as pessoas das várias empresas foi comovente: os olhares não conseguiam exprimir o que se passava nos corações. O sofrimento vivido juntos gerou um relacionamento mais profundo. Nas várias empresas, espontaneamente, todos se reuniram ao meio-dia para fazerem uma oração pela paz e decidiram perdoar. Falou-se mais abertamente de amor e de fraternidade, da cultura da partilha, que é o alicerce do Pólo empresarial, e todos se sentiram convidados a se tornarem atores de uma nova sociedade.

Não foi fácil vencer o medo, continuar correndo riscos, aceitar os danos materiais... Para todos, principalmente para os empresários, foi um momento crítico, de decisão, para reafirmar que a Obra de Deus se fundamenta na dor amada, na fidelidade a Jesus crucificado e abandonado que se apresenta no absurdo.

Recebemos um enorme conforto por meio da mensagem que Chiara enviou:

«Só hoje fiquei sabendo do que aconteceu. “Se o grão de trigo não morre...”.

Estas foram as palavras de Jesus que logo vieram à minha mente enquanto lia, comovida, a experiência de 14 de setembro, o dia da Exaltação da Santa Cruz. Sim, porque o Pólo Spartaco é o magnífico grão de trigo evangélico que, com o seu sofrimento, contribui para o nascimento de outros pólos no mundo, como o atual em Loppiano (Itália): o Pólo Lionello.

Mas, também nessa circunstância o Ideal triunfou. Vocês souberam amar, souberam perdoar... e certamente a atitude de vocês tocou seus agressores. E o grande Acionista, silencioso mas presente, não deixará de fazer a sua parte por meio da Providência.

Agradeço-lhes, caríssimos Armando, Roseli, Maria do Carmo, Augusto, Ercília, François e todos tudo o que vocês fazem, por aquilo que são, em nome de Maria, Condutora desta Obra para a qual vocês estão doando a vida.

Com todo o coração, Chiara».



Maria do Carmo Gaspar
mariacgaspar@latunica.com.br

Entre os New Global



Alex Zanotelli



Mario Primicerio



Riccardo Moro



Claudio Martini

De 6 a 10 de novembro de 2002 realizou-se, em Florença, o Fórum Social Europeu, em preparação para o Fórum Social Mundial (Porto Alegre, janeiro de 2003).

Um encontro importante e que, sob alguns aspectos, tornou-se até extraordinário: pelo conteúdo, pela organização, pelo estilo pacífico, pela enorme participação de jovens e pela grande manifestação em favor da paz que encerrou o evento.

Foram três dias de intenso debate nas 18 conferências, nos 140 seminários, nos 250 workshops sobre temas candentes: guerra e paz, direitos humanos e direitos sociais, pobreza e dívida externa, democracia e participação, desenvolvimento e comércio justo e solidário.

Muitas críticas ao neoliberalismo que se difunde, mas também propostas alternativas, desafios, busca de novos caminhos. Em síntese: análise pertinente, moções e sugestões, pois “Uma outra Europa é possível”, como afirmava o slogan do Fórum.

Logicamente nem tudo podia ser compartilhado e a pluralidade das vozes, das posições, das perspectivas, também das ideologias, podia dar a impressão de uma certa “confusão”, mas, no seu conjunto, o Fórum Social Europeu (FSE) afirmou, com força e com fatos, que hoje existe um grande “movimento” que busca mais igualdade, justiça, paz e solidariedade. Isso significa um amadurecimento, passando de uma posição de mera contestação a proposições: de no-global a new-global.

Através de associações e Movimentos, os cristãos participaram em grande número, oferecendo a própria contribuição por meio de idéias, de ideais e também de testemunho quanto a tudo o que crêem.

Nesse contexto, os Movimentos Humanidade Nova e Jovens por um Mundo Unido, de Florença, organizaram um seminário sobre a Economia de Comunhão, realizado na tarde do dia 8 de novembro, numa grande sala da Fortezza da Basso (sede do FSE).

Mais de 800 pessoas ocuparam todos os lugares disponíveis e os jovens se acomodaram no chão. Três horas de uma programação intensa e estimulante. Na primeira parte foi apresentado o projeto EdC: história e cultura (Vera Araújo), a vida das empresas (Alberto Ferrucci), uma experiência de uma empresa de Bari, Itália (Franco Caradonna), o surgimento do Pólo Lionello, em Loppiano (Cecilia Mazzei e Piero Tessieri).

Na segunda parte, houve uma mesa-redonda com personalidades que deram uma contribuição analisando as várias dimensões do projeto. Pe. Alex Zanotelli, missionário

comboniano, ressaltou que “Deus sonha com uma economia de igualdade, na qual os bens sejam partilhados. A Economia de Comunhão é este sonho de Deus na atualidade”. O Prof. Riccardo Moro, diretor da Fundação Justiça e Solidariedade, da Conferência Episcopal Italiana, deu importantes estímulos para o futuro da EdC. O Prof. Mario Primicerio – que foi colaborador de Giorgio La Pira, ex-prefeito de Florença e atualmente professor de Mecânica Racional da Faculdade de Ciências matemáticas, físicas e naturais de Florença – salientou que “a EdC é uma experiência que ajuda a compreender a medida do homem: de fato, a economia deve criar uma roupa para a criatura humana que cresce, e não uma couraça, uma jaula para prendê-la e deixá-la morrer”. Muito apreciada a participação do Dr. Walter Baier, presidente do Partido Comunista Austríaco, que há anos tem contato com o Movimento dos Focolares. Embora tendo posições diferentes, ele frisou a importância de um diálogo construtivo para a construção do desenvolvimento, da paz e da democracia. Preciosa e significativa a contribuição da Dra. Lorna Gold, da Universidade de York, e da Dra. Eva Gullo, consultora empresarial de Bolonha.

A mesa-redonda foi encerrada com uma entrevista em vídeo com o Prof. Stefano Zamagni que, com a sua costumeira competência e clareza, evidenciou que a EdC é possível e é uma experiência original justamente porque se fundamenta no valor da reciprocidade, no fato de que “Chiara colocou como base a fraternidade e a reciprocidade entre quem dá e quem recebe, e por isso que supera o assistencialismo, a filantropia, e é uma idéia que tem um grande futuro”.

A presença de autoridades civis, como o Presidente da Região Toscana, Cláudio Martini, e vários assessores regionais e provinciais (cargos que correspondem aos de deputados estaduais – N.d.T.) demonstram o interesse pelo nosso seminário.

Nessa ocasião a Economia de Comunhão foi proposta como um laboratório de idéias, de valores e de concretizações; uma realização que traz esperanças que penetram na história para indicar caminhos a serem percorridos rumo a um mundo mais unido.

A presença de inúmeros jovens nos deu a certeza de que nessa direção existe um futuro promissor.

Vera Araújo

vera.araujo@focolare.org



Vera Araujo

Luigino Bruni

Alberto Ferrucci

EdC e globalização

Hoje estão se confrontando e, em certos casos, se enfrentando, duas visões diferentes quanto à concepção de como deveria ser a relação entre a esfera econômica (mercado) e a esfera social (solidariedade). De um lado, temos os que vêem na expansão dos mercados e da lógica da eficiência a solução para todos os males sociais. De outro, os que vêem o avanço dos mercados como uma “desertificação” da sociedade, e, portanto, os combate e se protege. As duas visões podem ser sintetizadas da seguinte forma:

a) A situação é considerada “A-SOCIAL”: nesse modelo, que se fundamenta em algumas tradições da ideologia liberal, o “social” é distinto da mecânica do mercado, que se apresenta como um mecanismo ético e socialmente neutro. Ao mercado é pedida a eficiência e, portanto, a geração de riqueza; a solidariedade, pelo contrário, inicia justamente onde termina o mercado.

b) A situação é “ANTI-SOCIAL”: a outra visão, que conta, entre os seus teóricos clássicos, com Marx e K. Polanyi, e como expressão mais visível alguns dos componentes do “povo de Seattle”, caracteriza-se por conceber o mercado como espaço da exploração e do aniquilamento dos fracos pelos fortes. Disso parte a reação deles em “proteger a sociedade” do mercado e das empresas, afirmando que as relações realmente humanas (como a amizade, a confiança), são destruídas pelo crescimento dos mercados. Também essa visão – que capta algumas dinâmicas reais – tem aspectos problemáticos e não compartilháveis, pois tende a ver a economia e o mercado como realidades por si só desumanas, como mecanismos destruidores do “capital social” indispensável a qualquer convivência autenticamente humana.

A experiência e a elaboração cultural da EdC se apresentam, pelo contrário, como algo diferente das visões hoje dominantes. Com efeito, a EdC propõe que seja vivida a experiência da comunhão dentro da vida econômica normal. A proposta da EdC é, portanto, a de uma economia com “várias dimensões”: a eficiência tem o seu lugar, mas ela é apenas uma dimensão vivida pelas empresas. Juntamente com a eficiência, a EdC insere na atividade econômica outras dimensões que também são co-essenciais, como a “doação”, a “reciprocidade”, a “espiritualidade”, a “gratuidade” e a “comunhão”.

A proposta da EdC é que estes princípios, que diferem do lucro e da troca instrumental, encontrem lugar dentro da

atividade econômica. Supera-se a visão que vê o aspecto econômico (os mercados), orientado unicamente pelo princípio da troca instrumental, e que considera a doação e a reciprocidade como privilégio de outros momentos ou esferas da vida civil. Essa visão – enraizada também em certas expressões do assim chamado Terceiro Setor – não é mais sustentável. Por duas razões, pelo menos:

a) Em mercados globalizados a lógica dos “dois tempos” (antes as empresas produzem e depois o Estado se ocupa do “social”), segundo a qual se organiza a relação economia-sociedade, não funciona mais, pois veio a faltar o elemento básico dessa

visão, isto é, a relação riqueza/território. Todo o sistema social do Ocidente, especialmente da Europa, havia sido concebido em base a essa relação. Hoje esse mecanismo foi rompido pelo avanço da globalização dos mercados. A empresa é solicitada a tornar-se social na normalidade da sua atividade econômica. Muitas pessoas hoje sentem essa exigência e começa-se a falar de balanço social, de responsabilidade social da empresa, contudo parece-me que ainda não se sabe bem como realizar, concretamente, essas empresas “sociais”, como levá-las a ultrapassar a mera lógica do lucro, abrindo-se a outros horizontes.

b) O efeito “aniquilamento”. Se o mercado, se a economia se torna somente uma troca instrumental, entramos num dos paradoxos mais preocupantes da atualidade. «A moeda ruim afasta a boa”: é uma das leis mais antigas da economia (aplicada às moedas). Este é um mecanismo que tem um significado mais amplo e se aplica, por exemplo, todas as vezes que motivos intrínsecos (como a gratuidade) se defrontam com motivos extrínsecos (monetários): os ruins afastam os bons. A troca instrumental, baseada unicamente nos preços, afasta outras formas de relações humanas: se eu sou pago para sorrir, sorrirei menos gratuitamente; se um garoto começa a receber uma mesada para cortar a grama, não fará mais nada gratuitamente em casa. O mesmo acontece com o mercado: se ele se reduz apenas a uma troca interessada, ao se desenvolver irá “corroer” a condição da sua própria existência (a confiança).

A aldeia global, como todas as aldeias, precisa de mais princípios autônomos para se desenvolver: não só o contrato, mas também a gratuidade, a doação. Na história, conhecemos aldeias sem mercados, mas, ao mesmo tempo, sabemos que não sobreviveram as aldeias que não contavam com alguma forma de doação. Hoje, a globalização – totalmente centralizada no princípio do contrato – tem uma necessidade enorme de potencializar o “princípio da gratuidade” que, infelizmente, é sempre “afastado” pela expansão dos mercados.

Como enfrentar esses efeitos? Vejo dois caminhos: por um lado, “proteger e potencializar” a verdadeira gratuidade. Por exemplo, voluntariado, ONGs, família, Movimentos eclesiais... são experiências sustentadas pelo princípio de gratuidade. Por outro lado, é necessário quebrar o “ferrão” do mercado, transformando-o a partir de dentro, inserindo nele a gratuidade. O Movimento dos Focolares atua nessas duas frentes. A EdC, ressalta acima de tudo a exigência de que também a atividade econômica, também os mercados, dêem espaço, internamente, à doação, ao amor e até mesmo à comunhão.

O desafio é grande... mas não podemos deixar de aceitá-lo.

Luigino Bruni

luigino.bruni@unimib.it

A Unitrat, de Bari



Franco Caradonna
donnacara@libero.it



As origens

A Unitrat, empresa que teve início em 1976, atualmente conta com um capital social de 1,4 milhões de euros, 50 funcionários e um faturamento anual de 3 milhões de euros.

O nosso trabalho consiste em modelar produtos mecânicos, utilizando um processo termoquímico que transforma a estrutura interna dos mesmos, ressaltando, desse modo, as características mecânicas necessárias à finalidade para a qual foram construídos. É um processo utilizado nos mais variados setores da mecânica: automobilístico, aeronáutico, de equipamento agrícola e para o transporte industrial. Temos cerca de mil clientes distribuídos num raio de 600 km.

Nasci na Puglia, mas estudei, comecei a trabalhar e me casei em Turim, cidade para onde havia me transferido com a minha família, ainda na infância. Depois de ter vivido muitas experiências como empregado e de ter montado uma pequena empresa mecânica junto com outros sócios, decidi lançar-me numa aventura maior, com seis amigos, juntando as nossas economias, as capacidades profissionais, as idéias e o tempo livre.

Alguns dos sócios são do Sul do país, por isso optamos por implantar uma empresa nas nossas terras, com o nosso povo, próximo a Bari, com a participação de uma financeira pública que posteriormente cedesse suas cotas aos sócios privados.

Durante muitos anos, vivemos imersos nas dificuldades, seja pela cultura essencialmente individualista do lugar, seja pela carência de infra-estrutura; mas, apesar de tudo, nesses 25 anos sempre crescemos.

Amar os fornecedores

Desde o início, nos inspiramos no imperativo do amor. Quando foi lançado o projeto da Economia de Comunhão, aderimos imediatamente e foram construídos relacionamentos de amizade, num clima de colaboração entre todos: funcionários, clientes, fornecedores e concorrentes.

Quando uma das empresas que nos fornecia material viveu um período crítico, por causa de um enfarte sofrido pelo proprietário, ao invés de procurar outros fornecedores – o que poderia parecer mais prudente – continuamos a trabalhar com eles, antecipando os

Uma empresa aberta a todos

pagamentos, para que pudessem garantir os salários e saldar as dívidas mais urgentes.

O consultor administrativo da empresa pediu demissão de um momento para o outro e um colaborador nosso ofereceu-se para reconstruir e atualizar a contabilidade, que estava atrasada. Apesar de tudo, não foi possível evitar a falência, então, admitimos dois funcionários e ajudamos um outro a começar a trabalhar como autônomo.

Não tivemos prejuízo com esta operação, pois aceitamos, como sugestão do proprietário, os equipamentos da empresa dele ao preço da avaliação pericial. Uma vez revendidos, recuperamos mais do que gastamos.

Amar os concorrentes

Um dos nossos concorrentes começou a enfrentar sérias dificuldades. Pensamos nas conseqüências que a sua eventual falência poderia provocar, como o desemprego e o fechamento de uma empresa cujo serviço é útil para uma região – Nápoles – carente de indústrias. Ofereci a minha ajuda gratuitamente.

Ele precisava de vendas imediatas, então propusemos aos nossos clientes que parte dos pedidos feitos a nós fossem transferidos àquela empresa, e nós garantiríamos a qualidade do produto final. A proposta foi aceita e nasceu, assim, um intercâmbio de experiências técnicas e uma colaboração recíproca, como se fôssemos uma única empresa.

Quando um grande incêndio atingiu o equipamento de um dos setores da nossa empresa, continuamos a acreditar que "tudo o que nos acontece é para o nosso bem". Este fato gerou uma competição de solidariedade entre os funcionários, os clientes e os fornecedores. Durante os dois meses necessários para reformar as instalações, os trabalhos foram transferidos para outras duas empresas situadas a centenas de quilômetros de distância, que renunciaram a uma parte do lucro para que pudéssemos compensar as despesas de transporte. Um agricultor, que produz também máquinas agrícolas, disse que estava encontrando dificuldade com o tempo e o custo do transporte. Sugerimos que ele passasse a trabalhar com uma outra empresa, mais próxima da sua cidade, e lhe demos a garantia de que informariamos o ciclo correto do processo de trabalho. Ele ficou muito admirado e, além de decidir continuar trabalhando conosco, aproveitando o caminhão vazio para outros transportes no retorno, mandou-nos 900 quilos de melancias, que distribuímos entre todos.

Solidariedade entre os trabalhadores

Em meados dos anos 90, começamos a enfrentar problemas decorrentes da pouca oferta de trabalho. Depois de esgotar todas as possibilidades, foi necessário



optar entre demitir um quinto dos funcionários ou firmar um contrato de solidariedade, segundo o qual todos reduziriam a jornada de trabalho e, com uma contribuição da Previdência, seria coberta a metade das horas não trabalhadas. De comum acordo, escolhemos esta alternativa, embora todos perderiam 20% de seu salário. Analisando a situação, percebemos que não seria possível reduzir as horas de trabalho de sete pessoas que ocupavam cargos de responsabilidade, mas, a idéia de que nem todos participariam do mesmo sacrifício, não nos deixava tranquilos. Assim, nós sete, decidimos livremente redistribuir 6% dos nossos salários segundo as necessidades familiares dos demais funcionários, de acordo com o número de filhos e do trabalho realizado pela esposa de cada um deles. Este acordo – o único deste tipo em toda a região – foi firmado com a Secretaria Estadual do Trabalho e com o Sindicato. Convencidos de que os resultados não dependem exclusivamente dos investimentos, mas acima de tudo das pessoas que trabalham, sempre procuramos envolver todos os funcionários na colaboração, na participação acionária e na distribuição extra contratual de uma parte dos lucros; uma outra parte é destinada anualmente à Economia de Comunhão.

Solidariedade com os últimos

Um dia percebemos que um funcionário se drogava, não conseguia mais exercer suas funções e causava muitos problemas. Embora o primeiro pensamento tenha sido mandá-lo embora, decidimos aceitá-lo com seus limites.

Tivemos a oportunidade de conhecer o ambiente em que vivia e a sua família. Passamos a estar com ele também fora do horário de trabalho, para mantê-lo ocupado o dia inteiro, até que ele mesmo pediu ajuda para deixar a droga.

De comum acordo, retivemos o seu salário e, diariamente, comprávamos para ele apenas o necessário. Quando estava para entrar numa comunidade de reabilitação, teve uma grave crise de abstinência e nos obrigou a liberar todo o seu salário retido, que gastou com drogas em apenas dois meses. Num domingo, foi preso em flagrante, roubando a nossa empresa. Estava muito mal e não podíamos abandoná-lo. Assim, o levamos para uma comunidade da região de Marche. Depois de ter passado por um ciclo de recuperação de três anos, voltou a trabalhar conosco.

A serviço da sociedade

Tendo conhecido o mundo da droga e colaborado com agentes e assistentes sociais do tribunal, nos foi pedido para ajudarmos um rapaz com um passado de toxicodependência, furtos, assaltos e várias prisões, que tinha um filho de cinco anos, o qual estava sob custódia temporária de uma família.

Para recuperar o filho – que lhe seria tirado definitivamente – ele deveria ter um emprego, mas, além do seu estado físico debilitado, ele não tinha nenhuma experiência. Todas as vezes que tentou recomeçar, fracassou. Propusemos, então, aos nossos colaboradores, que o introduzíssemos no trabalho paulatinamente, começando a confiar a ele trabalhos mais leves e não muito comprometedores. Assim, ele foi admitido por uma empresa de logística que trabalha conosco.

Com esta experiência, sentimos a necessidade de nos especializarmos na ajuda a pessoas marginalizadas. Depois de termos feito um curso de formação, resolvemos abrir uma Cooperativa Social de Inserção no Trabalho. Atualmente, a Cooperativa presta serviços a várias empresas e conta com 28 cooperados, dos quais dez são voluntários e 18 trabalhadores; 40% deles são pessoas marginalizadas. Os cooperados voluntários são especialistas, entre os quais há um sacerdote ortodoxo romeno e um pastor evangélico holandês que, com a própria experiência profissional e humana, ajudam os trabalhadores.

No ano passado, junto com alguns amigos deficientes, decidimos abrir uma cooperativa cujo objetivo seria favorecer a inserção no campo do trabalho, de acordo com a nova legislação para deficientes neste âmbito. Abrimos um centro diurno para acolher essas pessoas e uma agência de empregos para mediar os contatos entre a Secretaria do Trabalho e as empresas que desejam assumir pessoas deficientes de acordo com a nova legislação.

A serviço do território

Nesses anos, o relacionamento construído entre as empresas levou-nos a voltar a nossa atenção aos problemas da nossa região. Somente trabalhando juntos seria possível enfrentar a questão do desemprego e da exclusão juvenil. Por meio de uma associação de pequenas e médias empresas, dialogamos com as instituições e conseguimos concretizar alguns projetos.

Atualmente, cerca de dez empresas da região ligadas ao projeto EdC, firmaram um convênio com o município de Bari para admitir, nas nossas fábricas, menores que estão em situação de risco.

Além disso, apresentamos nossa experiência às escolas. Admitimos em nossas empresas alguns alunos do ensino médio como estagiários e instituímos prêmios e bolsas de estudo para alunos universitários da Escola Politécnica, interessados em fazer seus trabalhos de conclusão de curso analisando as nossas empresas. No segundo semestre do ano passado, recebemos um financiamento da União Européia – de três anos – para desenvolvermos, na cidade de Bari, um projeto de assistência a mulheres de um bairro em situação de risco, com o objetivo de promover a recuperação sócio-cultural e a inserção no campo do trabalho. Para administrar este projeto, formamos uma associação temporária com algumas empresas que aderiram à idéia: a nossa empresa, a cooperativa social, uma entidade de formação, uma associação, a Secretaria Municipal de Saúde, a Prefeitura de Bari, a Vara Distrital, a Secretaria de Educação, a Faculdade de Ciências da Educação, o Departamento de Serviço Social e os sindicatos.

Em dezembro de 1998, a A.C.L.I. (Associação Católica de Trabalhadores Italianos) de Bari, por ocasião da festa de São Nicolau, instituiu um prêmio que foi conferido a seis pessoas, dos mais variados setores da sociedade. No âmbito do trabalho, eu fui o premiado, com a seguinte motivação:

«O espírito empresarial exercido de maneira evangélica e uma clara capacidade de organizar e promover ações de solidariedade na esfera industrial, no respeito aos valores éticos e sociais da própria comunidade de trabalho».

O dado de Chiara



De 24 a 29 de setembro, 640 representantes de 22 países europeus reuniram-se em Czestochowa, na Polônia, para a Primeira Conferência organizada pela Renovação Carismática Católica Internacional.

O vice-presidente, Sr. Calisi, é um dos líderes do diálogo entre os Movimentos católicos. Nutrindo uma grande estima por Chiara Lubich, ele nos convidou para dar a palestra principal do último dia, com o tema: «Desafios éticos e sociais europeus».

Num país em que é difícil encontrar um lugar na igreja aos domingos, junto com minha esposa, escutei a Boa Nova anunciada por bispos, sacerdotes e muitos leigos desde as primeiras horas da manhã até o entardecer, numa cripta próxima à igreja de Nossa Senhora de Czestochowa.

Encontrar tantas pessoas, de toda a Europa, que vivem a própria fé, nos dá muita esperança. Passamos uma semana com eles: rezamos, cantamos, professamos a nossa fé, adoramos, participamos da Missa e assistimos à manifestação do dom das línguas.

Eu despertei e compreendi a importância da Renovação Carismática e dos grupos ecumênicos de oração para o diálogo entre as Igrejas.

Muitos cristãos que haviam perdido o elo com as Igrejas oficiais, encontram acolhida nesses grupos, que ajudam a reforçar a vitalidade e a unidade das Igrejas em todos os níveis.

O noticiário da Renovação Carismática comentou a minha palestra com essas palavras: «O capitalismo que domina o mundo desde 1900, causa vítimas e está em crise. Mas com a cultura da Economia (de Comunhão) podemos renovar o nosso mundo com empresas orientadas por princípios do Evangelho. Leo Andringa, do Movimento dos Focolares, deu um grande testemunho de que isto é possível».

Dom Dembowski, bispo de Varsóvia, ficou muito feliz ao escutar a nossa experiência sobre a Economia de Comunhão: «É o que nós precisamos» – disse ele. Pedi que o meu discurso fosse traduzido em polonês, para ser distribuído em toda a sua diocese. Ele é o líder do Movimento Carismático na Polônia.

Neste ambiente religioso, a nossa experiência teve uma repercussão especial. Fiquei impressionado com o impacto que provoca o “dado de Chiara”, como foi chamado aqui o “Dado do Amor” das nossas crianças, os gen 4. Em cada um dos seus lados, o dado nos convida a amar de uma maneira diferente, em cada momento: «Tomar a iniciativa no amor», «Amar a todos», «Amar o inimigo», «“Fazer-se um” com o outro», «Amar Jesus no irmão», «Amar-se reciprocamente».

Todos consideraram o Dado do Amor como a chave para entender o coração da nova experiência econômica.

Leo Andringa

landringa@wxs.nl



A Polônia encontra dificuldades para discernir se deve ingressar na Comunidade Européia ou não. Este era um dos temas da Conferência sobre o qual pediram o meu parecer. Os poloneses temem perder a própria identidade e a própria cultura, têm medo – caso ingressem na Comunidade Européia – de serem governados por um “Novo Kremlin de Bruxelas”.

Defendi o ingresso na Comunidade Européia, porque, na minha opinião, o enorme movimento de capital – cem vezes maior do que o necessário ao comércio de bens reais – torna muito vulnerável, no aspecto financeiro, um país isolado, embora a moeda nacional, o zloty, no momento, seja forte.

Nos dias que se seguiram, reuni-me com o professor Adam Biela, ex-decano da Faculdade de Economia da Universidade de Lublin e, atualmente, senador: segundo o parecer dele, o governo polonês não está preparado para entrar na Comunidade Européia e está pedindo à comunidade um período de transição mais longo, pois considera que agora o choque seria muito grande.

O problema da Polônia é que 60% da economia do país é controlada pelo capital estrangeiro e precisa, assim, de novas empresas. Como suscitá-las diante da carência de capital próprio?

Esta mesma pergunta vale para as empresas da Economia de Comunhão. Como garantir a primazia da pessoa nas “nossas” empresas se o capital é fornecido por terceiros? Podemos ter ótimas idéias sobre como dar novamente ao homem o lugar central na economia, mas sem capital próprio é muito difícil ter sucesso.

Este questionamento me remeteu à experiência da Economia de Comunhão no Brasil. Para criar as novas empresas não foram buscar capital estrangeiro, mas buscaram a solidariedade de muitas pessoas que se tornam acionistas com o pouco que têm. Dessa maneira foram capazes de obter o capital necessário para financiar boa parte do Pólo empresarial e das empresas.

Eu e o professor Biela ficamos perplexos ao ver como este simples exemplo pode ser um modelo para qualquer país do mundo. Criar um Fundo Comum, um banco, ou tornar-se acionistas, abriria um caminho viável, talvez a longo prazo, para neutralizar o poder supremo do dinheiro, que poderia voltar a exercer o seu papel de servo e não de patrão da humanidade.

No nosso último dia na Polônia, estivemos com Andrzej Milkowski e sua esposa. Ele é um empresário da Economia de Comunhão, diretor de uma empresa de projetos, com 60 funcionários, em Katowice (ver Noticiário EdC nº 16). Recentemente, a sua empresa projetou as novas estradas que circundam a cidade de Cracóvia.

Levamos a eles um arranjo de flores, em sinal do respeito e do agradecimento que gostaríamos de expressar a todos os empresários poloneses que doam a própria vida para que esta nova economia esteja presente também na Polônia.

Estão inseridas no site as 95 monografias, dissertações e teses de doutorado, que abordam o projeto EdC, concluídas até novembro de 2002. As duas últimas, que apresentamos neste número, com temas sócio-econômicos e de análise histórica do cristianismo, são fruto da ampliação progressiva das pesquisas sobre o projeto Economia de Comunhão.

Ponto de referência mundial para as teses:

Antonella Ferrucci

antonella.ferrucci@prometh.it

Todas as teses estão disponíveis no site:

<http://tesi.ecodicom.com>

As novas teses

Vanna Coppola

coppolavanna@inwind.it

Diploma em Economia e Comércio

Campo de estudo: Sociologia
Universidade dos Estudos de Nápoles "Frederico II"

Economia de Comunhão: uma pesquisa empírica na Itália

Orientador:

Prof. Raffaele Sibilio



Vanna Coppola

A tese destaca a dimensão relacional na esfera econômica, apresentando o nascimento e a evolução da Economia de Comunhão, em que, num âmbito estritamente econômico, volta a ter sentido falar de valores, de virtude e de relacionamentos.

Após ter acenado sobre a relação entre a ética e a economia ao longo dos séculos, é analisada a função da empresa na sociedade moderna e a sua responsabilidade social que cresce cada vez mais; é aprofundado o tema da cultura empresarial, com um breve apêndice sobre a evolução do conceito de trabalho na história e sobre a sua repercussão na pessoa humana.

É abordada, enfim, a globalização, analisando a função do mercado nesse contexto, apresentando os seus protagonistas e as responsabilidades econômicas e sociais que recaem sobre ele. Fala-se sobre a função do consumo, reservando uma atenção especial às suas dimensões comunicativas e relacionais, e às implicações com a felicidade.

São apresentados os resultados de uma pesquisa de campo realizada por meio de um questionário dirigido a empresários, com o objetivo de verificar o que foi exposto teoricamente e de identificar as dinâmicas segundo as quais as empresas da EdC conseguem valorizar os relacionamentos que nascem da adesão do empresário ao Projeto.

Mediante o questionário, foi possível captar a experiência vital dessas empresas. Ela nos levou a compreender que a mensagem do Projeto – cultural e rica de propostas – é comunicada a todas as pessoas que se relacionam com a empresa na experiência concreta de cada dia; tal mensagem é persuasiva e, geralmente, envolvente.

Francesco Tortorella

fratortorella@libero.it

Magistério em Ciências Religiosas

Teologia Moral e Social
Instituto Superior de Ciências Religiosas "Odegitria"

A comunhão dos bens: da primitiva comunidade cristã ao mercado econômico e à Economia de Comunhão

Orientador:

Prof. Corrado Germinario



Francesco Tortorella

O objetivo da tese é demonstrar que o princípio da comunhão dos bens, que emergiu de uma experiência de fé, tem valor universal no espaço e no tempo; além de ser um modelo não apenas para as relações sociais em nível pessoal, mas também para relações econômicas, e pode inspirar a gestão e os relacionamentos entre empresas no mundo contemporâneo, inclusive numa economia liberal e globalizada.

Após apresentar uma análise do pensamento de Jesus sobre o uso dos bens e da aplicação da comunhão dos bens nas primitivas comunidades cristãs, percorre-se a "doutrina" sobre este tema, desenvolvida pela Igreja ao longo dos séculos, de modo especial o pensamento dos Padres da Igreja e do Magistério Social da Igreja do século XX; enfim, é analisada a espiritualidade do Movimento dos Focolares e a prática da comunhão dos bens entre seus membros. São analisados também a finalidade, os métodos, os resultados e as implicações do Projeto da Economia de Comunhão que emergiu desta espiritualidade.

Desde a origem da Igreja, o amor evangélico levou à comunhão dos bens de maneiras bem diferentes, mas sempre com a mesma intensidade. Esta comunhão percorreu os séculos até chegar ao mundo contemporâneo, com o seu mercado livre e globalizado.

Os cristãos podem viver também hoje o espírito dos primórdios, com modos e formas adequadas à nossa época. Um desses modos é a Economia de Comunhão, "sinal dos tempos" que utiliza métodos complementares à comunhão dos bens, tornando-a mais moderna e aplicada ao âmbito produtivo, do qual ela era excluída.

Na EdC revivem-se os princípios propostos por Jesus, ampliados por São Paulo e vividos por pessoas de todos os lugares e de todas as épocas. Ela propõe novamente ao mundo a eterna atualidade do Evangelho e a sua capacidade de resolver os problemas mais dramáticos da humanidade.

A economia da gratuidade

Associar economia e gratuidade pode parecer tão estranho quanto associar vida e ficção. Assim como tudo o que é ficção não é vida, tudo o que é gratuidade pode dar a impressão de não ser economia. De fato, a economia trata da troca de equivalentes, desde o primitivo escambo até os mais modernos mercados telemáticos; se recebo alguma coisa de alguém, devo dar algo em troca. Este é, tradicionalmente, o cerne da questão.

Ao longo dos anos, os economistas se questionaram, dentro desse contexto, quais seriam as condições que tornariam essas trocas eficientes (a concorrência) e quais seriam as qualidades que as tornariam ineficientes (oligopólio e monopólio); quiseram identificar também quais os casos em que uma série de trocas leva ao máximo da utilidade, seja individual, seja social; e, ainda, que tipo de bens podem ser trocados e quais, pelo contrário, o mercado não consegue destinar (bens públicos).

Partindo desses pressupostos, compreende-se como é possível pensar que, quando há troca de equivalentes, há economia e, ao contrário, quando há gratuidade não é possível haver um espaço para uma reflexão econômica. A gratuidade, o dom, parece negar o econômico, a troca.

Mas, na verdade, se analisarmos bem, se ampliarmos os horizontes teóricos e nos deixarmos questionar pela dimensão econômica mais profundamente, percebemos que a economia não só tem algo importante a dizer a respeito do dom e da gratuidade, mas que essas duas categorias têm muito a dizer à economia, à teoria econômica. Basta considerar o fato de que a economia é uma ciência social, social no sentido de que trata da sociedade e, para isso, deve procurar explicar a socialidade, isto é, a vida associada. Portanto, não pode menosprezar os elementos que estão na base dos vínculos sociais, ou seja, o dom e a confiança.

É preciso, primeiramente, distinguir o que é uma atividade de troca de presentes e o que é doar gratuitamente. Enquanto a primeira atividade pode ser inserida no âmbito da troca, quer ocorra ao longo do tempo, quer seja relativa a bens não materiais, a segunda foge completamente desta lógica mercantil.

Há tempos se discute como é que a prática da troca de presentes, já em uso na pré-história (muitas tribos primitivas da Polinésia e da América do Sul têm rituais semelhantes, como por exemplo, os Kula e os Potlach) tenha sobrevivido nos séculos até plasmar inclusive os nossos comportamentos. Podemos intuir a importância econômica desta prática se pensarmos que, nos Estados Unidos, só no Natal de 2001, o comércio de artigos para presente movimentou um capital de 40 milhões de dólares!

Por que, então, no Natal ou no aniversário de alguém, damos presentes ou quando somos convidados para jantar com alguém a boa educação nos diz que não devemos

chegar com as mãos vazias? Por que geralmente não se dá dinheiro de presente, aliás, esse gesto não é muito bem visto? Algumas explicações de vanguarda afirmam que o presente tem a capacidade de caracterizar as nossas qualidades e as nossas intenções. Por exemplo, se eu dou de presente algo que você gosta, estou dizendo também que eu conheço o seu gosto. Relacionar-me com alguém que me conhece e que me entende é bem melhor do que interagir com uma pessoa que ignora os meus desejos. Receber um presente personalizado, que exigiu tempo para ser encontrado, me diz que a pessoa que me presenteou deseja que o nosso relacionamento seja duradouro. O tempo necessário para a aquisição é um investimento em confiança. Se eu sei que você considera importante que o nosso relacionamento cresça no tempo, sei que posso confiar em você, que não serei traído na primeira chance por uma postura oportunista. Um presente que eu dou num evento público me confere status e aprovação social; por esta razão, no dia do casamento, os noivos costumam expor os presentes recebidos.

Esses exemplos se referem ao que chamamos de troca de presentes. Nesses casos, a economia nos sugere explicações potenciais para comportamentos que, num primeiro momento, poderiam parecer anti-econômicos.

Mas, como eu dizia anteriormente, existe um outro aspecto do presente, o da doação pura, gratuita, isto é, a atividade que nos leva a transferir livremente e sem esperar nada em troca, um bem ou um serviço para uma outra pessoa. Podemos pensar em quem, por exemplo, doa sangue. A pessoa o faz livremente, gratuitamente, anonimamente, pois não conhecemos a identidade da pessoa que receberá o nosso presente.

Refletindo sobre este segundo tipo de doação, percebi que, bem longe de não ter nenhuma ligação com a teoria econômica, a gratuidade nos ajuda a compreender alguns aspectos mais importantes da teoria econômica. Dou três exemplos.

O dom no mercado. Ao mesmo tempo em que renunciamos às hiper-simplificações dos modelos dos livros didáticos, percebe-se que a atividade mercantil propõe uma questão que é chamada de “questão fundamental da troca”. É o fato de que, na maioria absoluta dos casos, um contrato, por razões que aqui seria muito longo explicar, não dá garantias suficientes até que o comprador pague pelo bem que o vendedor deseja vender. Esta possibilidade, por si só, seria suficiente para desencorajar o vendedor até mesmo para contactar um potencial comprador. Quanto mais aumenta a distância no tempo e no espaço entre os sujeitos, mais este fato se torna verdadeiro. Por exemplo, como foi possível desenvolver o comércio transnacional, quando os vários protagonistas – mercados, marinheiros, agentes, compradores – estavam ligados por vínculos não coercitivos? No parecer de algumas pessoas, isto foi possível graças ao espírito de doação que, mais do que um contrato escrito, cria um vínculo entre as pessoas. Como o dom chama à reciprocidade, então foi possível se instaurar um sistema que se tornou auto-sustentável.

Vittorio Pelligra
pelligra@davide.it

Encontramos um outro exemplo deste tipo no caso dos **bens públicos**. Esses bens, pelas suas características intrínsecas, não podem ser trocados no mercado. Geralmente a produção e a distribuição deles são garantidas pelo Estado. Trata-se de bens como a administração da Justiça, a defesa da nação, a segurança pública, a garantia dos direitos e outros bens similares. Existem, porém, casos relevantes nos quais esses bens não são produzidos pelo Estado, mas por cidadãos, voluntariamente. Basta pensar nas eleições, no padrão televisivo, na doação de sangue, no voluntariado, nas ações em favor do meio ambiente, nos efeitos públicos das atividades de empresas sociais... Consideremos o caso das eleições: votar tem um custo de oportunidade, isto é, o fato de que, para poder votar eu devo renunciar a fazer alguma outra coisa, por exemplo, a passar um dia maravilhoso na praia. Qual é a probabilidade de que o meu voto influencie decididamente o êxito das eleições? Uma em um milhão! Por que, então, não vou à praia? Também neste caso, como no caso de todos os bens públicos produzidos, tendo por base ações voluntárias, o espírito do dom e o valor social da gratuidade podem ajudar a ressaltar este fenômeno.

Terceiro exemplo. Vamos considerar que entre quem adquire um bem ou um serviço e quem o fornece exista uma situação de assimetria. O comprador não tem condições de avaliar plenamente as qualidades do bem ou do serviço que vai adquirir. Consideremos uma consulta com o dentista. Quem me garante que o meu dentista usa realmente o melhor material, dá tudo de si para restaurar o meu dente ou esteriliza todos os seus instrumentos? Impossível saber.

Se raciocinássemos somente em termos de troca entre equivalentes, esta assimetria seria suficiente para fazer com que desaparecessem todos os consultórios odontológicos da face da terra. Por que isso não acontece?

Porque geralmente essas assimetrias não são aproveitadas de maneira oportunista. Também esta renúncia a um possível lucro (mesmo quando correto), pode ser interpretada como um dom.

Se analisarmos bem, veremos que mercado, contratos, trocas e grande parte da atividade econômica se fundamentam em normas sociais nas quais encontramos como raiz justamente o dom e a gratuidade.

Quando, então, nos perguntamos qual pode ser o futuro da experiência da Economia de Comunhão, a resposta pode ser iluminada pela consciência de que, se naquele âmbito o dom e a gratuidade são explícitos, em muitas outras facetas da esfera econômica "tradicional", o dom e a gratuidade constituem a razão profunda das ações econômicas. Considerar este fato nos ajuda a conceber a Economia de Comunhão não como uma experiência de nicho, mas como proposta que ativa e torna explícitas razões e motivações profundas, o desejo de doar e de estabelecer vínculos sociais constitutivos de cada homem.

Publicamos duas mensagens recebidas após a apresentação da EdC no Fórum Social de Florença.

Olá, professor! Que surpresa escutar a sua voz no Fórum Social. Para ser sincero, foi um sopro de oxigênio, uma esperança a mais ver que também estudiosos inseridos no sistema, como o senhor, numa posição aparentemente cômoda, têm a coragem – que no seu caso, parece-me brotar da sua fé e, de modo especial, da experiência de comunidade vivida com os focolarinos – de reavaliar, de modo radical e autocrítico, o conjunto dos valores, nem sempre positivos, que parecem conduzir a nossa vida, sem que ninguém possa dizer algo, sem que se possa mudar a escala ou, pelo menos, propor uma perspectiva diferente.

Obrigado também em nome de muitas pessoas que, assim como eu, acreditam na possibilidade de melhorar sem que, para isso, seja necessário rejeitar tudo o que já foi feito até hoje... Obrigado pelo seu testemunho e por apoiar de modo bastante direto, inclusive com a sua presença... Obrigado, obrigado! Espero revê-lo à frente de acontecimentos como este. Até breve, nas próximas provas.

Giovanni U.

Sou um engenheiro de 64 anos que se recusa a se considerar um velho. Quero congratulá-los pelo novo impulso que me deram com os seus testemunhos, há uma semana, na Fortezza da Basso. O mesmo efeito teve o encontro com aquela multidão de jovens que desfez as vozes correntes que os classificavam como pessoas sem expressão e apáticas.

Os testemunhos que deram no campo da economia alternativa, que hoje se diria revolucionária, remeteu-me a 40 anos atrás, às palavras do Pe. Balducci ou de La Pira; palavras das quais, mais tarde, perdi toda e qualquer pista.

Portanto, além de agradecer a vocês e a todos os amigos que vocês souberam envolver, senti-me no dever de questionar a mim mesmo. No passado, por puro jogo intelectual – reciclando máquinas mecânicas obsoletas, como impressoras velhas – dediquei-me a construir pequenas máquinas de corte e prensa, controladas por um simples computador. São equipamentos adequados para trabalhar com materiais leves como compensados, plásticos e papelão, mas poderiam ser adaptadas para material metálico. É um sistema já utilizado por amadores exigentes, como os aeromodelistas.

Nas economias emergentes, este sistema poderia ser utilizado para produzir, pois daria também aos jovens a possibilidade de uma profissão artesanal, nos mais variados setores, passando diretamente do desenho informatizado, trabalho para o qual eles têm facilidade, à produção de componentes de uma cadeia de montagens, com tempo de trabalho reduzido e reprodução garantida.

Se alguma empresa se interessar por este produto eu ficaria feliz por dar a minha contribuição, segundo a proposta de vocês, fornecendo software, treinamento, projeto e assistência para a instalação, in loco, dessas máquinas.

Piero Nessi, Como (Itália)

Alberto Ferrucci

alberto.ferrucci@prometh.it

STERSA

tecnologia em transporte

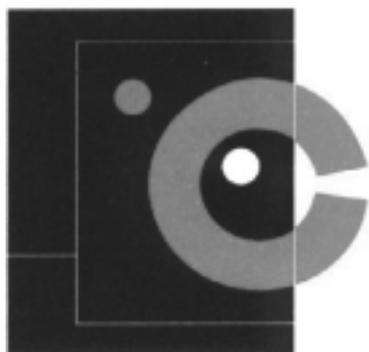
stersa eixos, pneus e equipamentos ltda.
rua josé ferraz de camargo 188 são dimas piracicaba sp cep 13.416-060
tel fax 19 3402 7009 www.stersa.com.br



Rua Luiz Gazzola, 272
Centro – 13300-530 – Itu – SP
Fone/fax: (11) 4024.3241



Av. Ouro Fino, 452 - Sala 2 – Bosque
12233-400 – São José dos Campos – SP
Fone/fax: (12) 3936.1801
caveni@ig.com.br



PROFILÁTICA
Produtos médicos e odontológicos
Rua Eduardo Carlos Pereira, 3229
Portão – 80610-170 – Curitiba – PR
Fone/fax: (41) 345.7500
profilatica@profilatica.com.br



Ouro 18 K, Fabricação
e Conserto de Jóias
Rua 3, nº 560 - Galeria Central - Sala 19
Fone (0xx62) 225-3546 - Goiânia-GO
e-mail: magdasantossd@yahoo.com.br



Rua Francisco Glicério, 513
Centro – 13720-000
São José do Rio Pardo – SP
Fone: (19) 3681.5090
hidratapharma@dglnet.com.br